

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS  
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

LUIS FERNANDO SUPANIK JUNIOR

A CONTRIBUIÇÃO DA AGROECOLOGIA PRODUZIDA NO PRÉ-  
ASSENTAMENTO EMILIANO ZAPATA PARA A SOBERANIA ALIMENTAR NO  
MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA - PR

PONTA GROSSA

2023

LUIS FERNANDO SUPANIK JUNIOR

A CONTRIBUIÇÃO DA AGROECOLOGIA PRODUZIDA NO PRÉ-  
ASSENTAMENTO EMILIANO ZAPATA PARA A SOBERANIA ALIMENTAR NO  
MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA - PR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do  
título de Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de  
Ponta Grossa

Orientador: Celbo Antonio da Fonseca Rosas

PONTA GROSSA

2023

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA SETOR DE CIÊNCIAS  
EXATAS E NATURAIS DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS CURSO DE  
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO ÉTICO**

Eu, Luis Fernando Supanik Júnior RA: 19003302, RG: 7.820.876-7, asseguro que o Trabalho de Conclusão de Curso foi por mim elaborado e, portanto, responsabilizo-me pelo texto escrito que apresenta os resultados de minha pesquisa científica. Atesto que todo e qualquer texto, que não seja de minha autoria, transcrito em sua íntegra ou parafraseado de outros documentos, estejam eles publicados ou não, estão devidamente referenciados conforme reza a boa conduta ética, o respeito aos direitos autorais e à propriedade intelectual. Tenho conhecimento de que os textos transcritos na íntegra de outras fontes devem apontar a autoria, o ano da obra, a página de onde foi extraído e ainda apresentar a marcação de tal transcrição, conforme as regras da ABNT. No caso de paráfrase, o trecho deve vir com a referência de autoria e ano da obra utilizada. Além disso, declaro ter sido informado pelos responsáveis do Curso de Licenciatura em Geografia das leis que regulam os direitos autorais e das penalidades a serem aplicadas em caso de infração, conforme constam na Lei 10.695 de julho de 2003. Sendo assim, declaro que estou ciente de que, caso infrinja as disposições que constam na Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, serei responsabilizado juridicamente pelos meus atos e terei que arcar com qualquer prejuízo moral e financeiro deles decorrentes.

Ponta Grossa, 31 de janeiro de 2023.



---

Assinatura do Acadêmico

## FOLHA DE APROVAÇÃO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS  
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA



### FOLHA DE APROVAÇÃO ATA DE DEFESA

Aos 09 dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte e três, na sala virtual Google Meet, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos(as) professores(as): Dr. Celbo Antônio Da Fonseca Rosas (Presidente-Orientador), Dr. Nicolas Floriani (membro) e Ms. Wagner da Silva (membro) para a análise do trabalho de Conclusão de Curso sob o Título “A contribuição da agroecologia produzida no assentamento Emiliano Zapata para a Soberania Alimentar no município de Ponta Grossa”, elaborado pelo concluinte Luis Fernando Supanik Junior do Curso de Licenciatura em Geografia. Aberta a sessão, os autores tiveram vinte minutos para a apresentação do seu trabalho, sendo, posteriormente, arguido pelos integrantes da Banca. Após o procedimento da avaliação, chegou-se aos seguintes resultados:

O trabalho foi considerado APROVADO

Nada mais havendo a tratar, encerrou-se a presente sessão, da qual lavrou-se a presente ata que vai assinada por todos os membros da Banca Examinadora.

1) Presidente: Dr. Celbo Antônio da Fonseca Rosas

2) Membro 1: Dr. Nicolas Floriani

3) Membro 2: Ms. Wagner da Silva

Ponta Grossa, 09 de fevereiro de 2023.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me conduzido até esse momento, por ter me dado forças para vencer as dificuldades e o cansaço que muitas vezes se fizeram presentes e me iluminar nos momentos em que a inspiração faltava.

Agradeço a minha esposa Ariane, minha maior incentivadora, que me acompanhou por mais essa etapa. Me auxiliou nos momentos em que a tristeza e as dificuldades da pandemia me fizeram desanimar. Me incentivou nas apresentações, nas pesquisas, nas saídas de campo para a construção do TCC e sempre esteve presente nos bastidores com uma palavra de incentivo.

Também devo agradecimentos à minha família que me incentivou e que sempre torce por mim, principalmente minha mãe Marisa, que fez com que desde pequeno eu me dedicasse aos estudos.

Agradeço aos meus colegas de curso, foi um curso diferente devido a pandemia, muitos desistiram do curso ao longo do caminho e alguns não puderam seguir na mesma turma. Aos que ficaram até o final e chegaram até esse momento do TCC, agradeço muito o companheirismo, as conversas, as trocas de ideia que em sua maioria se deram através de WhatsApp e pelos momentos de risadas e de descontração presenciais.

Agradeço ao meu orientador, professor Dr Celbo Antonio da Fonseca Rosas, pelo apoio durante o TCC e durante a iniciação científica, através das aulas de Geografia Agrária, consegui encontrar uma área da Geografia que se encaixava com o tema que sempre quis abordar no trabalho de conclusão de curso que era a fome.

Agradeço aos companheiros do MST que puderam contribuir para a realização deste trabalho, a luta de vocês é incrível e o papel que desempenham na comunidade é de extrema importância. Obrigado por terem me recebido em suas casas, sempre com um sorriso, uma boa conversa e um café.

Por fim gostaria de agradecer também aos demais professores do curso que contribuíram com a minha formação como Licenciado em Geografia, mas principalmente por mostrarem essa ciência incrível que a Geografia é e como ela nos permite enxergar o mundo por vários prismas.

*“A fome é, conforme tantas vezes tenho afirmado, a expressão biológica de males sociológicos”.*  
*(Josué de Castro)*

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a contribuição da Agroecologia produzida por movimentos socioterritoriais para a Soberania alimentar, tendo como recorte espacial o pré-assentamento Emiliano Zapata no município de Ponta Grossa -Pr. O modelo de pesquisa utilizado é de natureza qualitativa, utilizando referencial bibliográfico, aplicação de questionários e saídas de campo para compreender na prática como é a Agroecologia produzida pelos agricultores. No desenvolvimento do trabalho buscou-se a caracterização da produção agroecológica no pré-assentamento e também identificar como se dá a distribuição e comercialização dessa produção, através de visitas em propriedades de agricultores familiares pertencentes ao pré-assentamento e aplicação de questionários. A pesquisa também procurou identificar como a comunidade externa percebe a contribuição do pré-assentamento na produção de alimentos e na Soberania Alimentar, através da aplicação de questionários compartilhados eletronicamente. Como resultados, a pesquisa apresenta que os agricultores agroecológicos do pré-assentamento Emiliano Zapata contribuem com a Soberania Alimentar do município de Ponta Grossa através da produção de alimentos saudáveis e de qualidade, destinados a merenda escolar do município, através do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), também participam de outros programas governamentais que destinam os alimentos para populações mais carentes do município. Além disso, a pesquisa aponta também que existe a necessidade de maiores investimentos para o impulsionamento da Agroecologia e também que ocorra uma reforma agrária que permita que mais agricultores possam produzir alimentos.

**Palavras Chave:** Agroecologia; Soberania Alimentar; Movimentos socioterritoriais;

## RESUMEN

El objetivo general de este trabajo es analizar la contribución de la Agroecología producida por los movimientos socio-territoriales para la Soberanía Alimentaria, teniendo como enfoque el pre-asentamiento Emiliano Zapata en el municipio de Ponta Grossa - Pr. El modelo de investigación utilizado es de naturaleza cualitativa, utilizando referencias bibliográficas, aplicación de cuestionarios y visitas de campo para comprender en la práctica la Agroecología producida por los agricultores. En el desarrollo del trabajo, buscamos caracterizar la producción agroecológica en el pre-asentamiento y también identificar cómo ocurre la distribución y comercialización de esta producción, a través de visitas a las propiedades de agricultores familiares pertenecientes al pre-asentamiento y de la aplicación de cuestionarios. La investigación también trató de identificar cómo percibe la comunidad externa la contribución del pre-asentamiento a la producción de alimentos y a la Soberanía Alimentaria, mediante la aplicación de cuestionarios compartidos electrónicamente. Como resultado, la investigación muestra que los agricultores agroecológicos del asentamiento Emiliano Zapata contribuyen a la Soberanía Alimentaria en el municipio de Ponta Grossa al producir alimentos sanos y de calidad para la alimentación escolar del municipio, a través del Programa Nacional de Alimentación Escolar (PNAE). Además, la investigación también señala que es necesaria una mayor inversión para impulsar la agroecología y también una reforma agraria que permita a más agricultores producir alimentos.

**Palabras clave:** Agroecología, soberanía alimentaria. Movimientos socioterritoriales.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Soberania Alimentar e Agroecologia.....	25
Fotografia 1 - Placa de entrada do Assentamento Emiliano Zapata.....	32
Fotografia 2 - Barracão Assentamento Emiliano Zapata.....	38
Fotografia 3 - Plantação Agroecológica Assentamento Emiliano Zapata.....	39
Mapa 1 - Mapa do município de Ponta Grossa com localização do Assentamento Emiliano Zapata.....	31
Mapa 2 - Localização do Assentamento Emiliano Zapata.....	37

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tipos de Agricultura.....	19
Quadro 2 - Tipos de alimentos agroecológicos produzidos.....	42
Quadro 3 - Relato dos entrevistados sobre resistência à agroecologia no assentamento.....	44
Quadro 4 - Relato dos entrevistados sobre quem não utiliza a agroecologia na produção.....	45
Quadro 5 - Relato dos entrevistados sobre quem decide o que produzir.....	46
Quadro 6 - Dificuldades enfrentadas pelos agricultores na produção e comercialização.....	47
Quadro 7 - Relato dos entrevistados sobre Soberania Alimentar.....	49
Quadro 8 - Relato dos pesquisados sobre a contribuição da agroecologia do assentamento para a Soberania Alimentar.....	50
Quadro 9 - Relato dos participantes da pesquisa sobre a contribuição do MST para o desenvolvimento da Agroecologia e da Soberania alimentar.....	51
Quadro 10: Opinião dos entrevistados da comunidade sobre o assentamento.....	63
Quadro 11 - Opinião dos entrevistados da comunidade sobre Soberania Alimentar...	66

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Gênero dos agricultores entrevistados.....	40
Gráfico 2 - Idade dos agricultores entrevistados.....	40
Gráfico 3 - Tempo de atuação como agricultor agroecológico.....	41
Gráfico 4 - Renda proveniente da produção agroecológica.....	41
Gráfico 5 - Percentual da produção que os agricultores entrevistados consomem.....	43
Gráfico 6 - Gênero dos participantes da pesquisa.....	52
Gráfico 7 - Residência dos participantes da pesquisa.....	53
Gráfico 8 - Relato dos entrevistados sobre alimentação.....	54
Gráfico 9 - Locais de compra de frutas e verduras.....	55
Gráfico 10 - Opinião dos entrevistados sobre preço de produtos produzidos próximos a sua residência.....	57
Gráfico 11 - Produção agroecológica do MST.....	58
Gráfico 12 - Filhos em idade escolar.....	58
Gráfico 13 - Alimentos para merenda escolar.....	59
Gráfico 14 - Ações do MST.....	61
Gráfico 15 - Opinião dos entrevistados sobre o MST.....	62
Gráfico 16 - Relato dos entrevistados da comunidade sobre Soberania alimentar.....	64

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

- COOPERAS Cooperativa Camponesa de Produção Agroecológica da Economia Solidária
- CPT Comissão Pastoral da Terra
- EMBRAPA Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
- FAO Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura
- MBA Movimento dos Atingidos por Barragem
- MPA Movimento dos Pequenos Agricultores
- MST Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
- PAA Programa de Aquisição de Alimentos
- PNAE Programa Nacional de Alimentação Escolar
- UEPG Universidade Estadual de Ponta Grossa

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO 1 - AGROECOLOGIA E SOBERANIA ALIMENTAR: UMA VISÃO SOBRE A AGRICULTURA SUSTENTÁVEL QUE PODE CONTRIBUIR PARA A SOBERANIA ALIMENTAR</b> .....	16
1.1 AGROECOLOGIA: FORMAÇÃO TEÓRICA E EMPÍRICA.....	16
1.2 SEGURANÇA ALIMENTAR E SOBERANIA ALIMENTAR: PRINCIPAIS DIFERENÇAS.....	20
1.2.1 Segurança alimentar.....	21
1.2.2 Soberania alimentar.....	22
<b>CAPÍTULO 2 - TERRITÓRIO E MOVIMENTOS SOCIOTERRITORIAIS: UMA REFLEXÃO SOBRE A LUTA DOS MOVIMENTOS PARA CONQUISTA DE SEU TERRITÓRIO</b> .....	27
2.1 TERRITÓRIO.....	27
2.2 MOVIMENTOS SOCIOTERRITORIAIS.....	29
2.3 MOVIMENTOS SOCIOTERRITORIAIS, AGROECOLOGIA E SOBERANIA ALIMENTAR.....	34
<b>CAPÍTULO 3 – PRÉ-ASSENTAMENTO EMILIANO ZAPATA: A UTILIZAÇÃO DA AGROECOLOGIA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA E DE CONTRIBUIÇÃO PARA A SOBERANIA ALIMENTAR</b> .....	36
3.1 DISCUSSÃO DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS AOS AGRICULTORES DO PRÉ ASSENTAMENTO EMILIANO ZAPATA.....	39
3.2 DISCUSSÃO DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS À COMUNIDADE EXTERNA.....	52
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	67
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	70
<b>APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO APLICADO AOS AGRICULTORES DO PRÉ-ASSENTAMENTO EMILIANO ZAPATA</b> .....	73
<b>APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO APLICADO A COMUNIDADE</b> .....	76

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como foco o estudo de uma temática cada vez mais necessária de ser discutida, em um momento em que a sociedade mundial busca novas formas de produção que não agridam o meio ambiente e que contribuam para alimentar a população com comida saudável e de qualidade, bem como uma produção de alimentos que esteja relacionada com a soberania alimentar. Servirá também como instrumento de análise e de partida para novas pesquisas que visem contribuir com essa discussão.

Este trabalho parte da tentativa de responder à pergunta: Como a agroecologia produzida no pré-assentamento Emiliano Zapata contribui para a soberania alimentar no município de Ponta Grossa-PR? Para isso o principal objetivo é realizar a caracterização da produção agroecológica no pré-assentamento Emiliano Zapata no município de Ponta Grossa-PR para compreender como se dá a distribuição da produção e como essa produção contribui para a soberania alimentar no município.

Será necessário compreender como ocorre a produção agroecológica no pré-assentamento Emiliano Zapata, no município de Ponta Grossa, no contexto dos movimentos sociais. Fazer uma análise da organização produtiva e da distribuição da produção agroecológica, além de buscar identificar como os consumidores e a sociedade percebem a produção realizada pelo movimento e seu papel no contexto da soberania alimentar.

No Brasil, a agroecologia tem ganhado força nas últimas décadas com o apoio de movimentos sociais, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) implantou a agroecologia como forma de produção em seus assentamentos. “Agroecologia emerge no Movimento não somente como uma prática agrícola menos agressiva ao meio ambiente, mas emoldurada por um intenso questionamento político em relação às políticas agrícolas que estavam sendo adotadas pelo Estado brasileiro”. (BORSATTO; CARMO, 2013). Para o MST, a agroecologia está relacionada como uma forma de resistir no campo e lutar pela reforma agrária, fundamental pela luta por território.

Através desse modelo de produção, os assentamentos se organizam e se desenvolvem de maneira que todos os participantes produzam e se utilizem da produção, também comercializam sua produção por meio de cooperativas, feiras e outras ações como sacolas de verduras e entregas porta a porta. Além disso, os assentamentos desenvolvem ações que interagem com a comunidade, como doação de marmitas produzidas com alimentos do assentamento, doação de sacolas de frutas e verduras, além de cestas básicas com itens também produzidos pelos agricultores. Essas ações fazem parte do compromisso que o movimento adotou de produzir alimentos saudáveis, na perspectiva de contribuir com a proteção ambiental e que seja acessível à população, gerando qualidade de vida e soberania alimentar.

A agroecologia produzida nos assentamentos do Movimento dos trabalhadores Sem Terra, visa contribuir para a soberania alimentar e uma produção socialmente justa, onde não ocorra exploração por nenhum participante da cadeia de suprimentos. Além de que o movimento conta com ações que auxiliam na distribuição de alimentos para a população carente.

O presente trabalho está organizado da seguinte forma. No capítulo 1, serão discutidos os conceitos de agroecologia e soberania alimentar, em contraponto com os de revolução verde, agronegócio e segurança alimentar, sob uma perspectiva histórica-geográfica.

No capítulo 2, serão abordados os conceitos de espaço, território e movimentos socioterritoriais. Neste mesmo capítulo será apresentado um breve histórico do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, no Brasil.

O capítulo 3 apresentará o histórico do pré-assentamento Emiliano Zapata, em Ponta Grossa, como é realizada sua produção, além de identificar suas relações com a agroecologia e a soberania alimentar.

O trabalho se encerra no último capítulo trazendo as considerações finais sobre a pesquisa e as contribuições que ela pode trazer para a sociedade.

A pesquisa se pautou em dados e informações, coletadas através de formulários (apêndice) eletrônicos aplicados à comunidade em geral nos meses de outubro e novembro de 2022, para identificar qual é a percepção que se tem do

MST e do pré-assentamento Emiliano Zapata e identificar o entendimento sobre questões relacionadas a Soberania Alimentar.

Os questionários foram encaminhados via aplicativo Whatsapp e compartilhados pelos participantes, obtendo um total de 83 formulários respondidos. Para essa etapa não se buscou uma porcentagem específica de participantes.

Também foram aplicados questionários para agricultores do pré-assentamento, os quais tinham como foco compreender e analisar a Soberania Alimentar pela ótica dos produtores agroecológicos. Para essa etapa foram realizados 11 questionários semiestruturados, com perguntas abertas e fechadas, aliado a observação realizada em visita ao pré-assentamento no período do desenvolvimento do trabalho de iniciação científica em junho de 2022 e em visita no mês de outubro de 2022 para tratar especificamente do presente trabalho. As visitas nas unidades do pré-assentamento e a conversa com os produtores locais permitiram uma compreensão da vivência que esses têm da agroecologia e como ela acontece na prática.

Esse questionário dos membros do pré-assentamento, foi aplicado também por formulário on-line, devido à dificuldade de encontrar alguns responsáveis pelas unidades em suas residências nos dias de visita. Foi solicitado para que as lideranças do local compartilhassem os formulários através de grupos de WhatsApp e também houve contato direto com os agricultores por indicação.



## **CAPÍTULO 1 - AGROECOLOGIA E SOBERANIA ALIMENTAR: UMA VISÃO SOBRE A AGRICULTURA SUSTENTÁVEL QUE PODE CONTRIBUIR PARA A SOBERANIA ALIMENTAR**

A agricultura sustentável produzida pela Agroecologia, é uma maneira de auxiliar no desenvolvimento da Soberania Alimentar, nesse capítulo, serão debatidos seus principais conceitos na busca de compreender como de fato esses assuntos estão relacionados.

### **1.1 AGROECOLOGIA: FORMAÇÃO TEÓRICA E EMPÍRICA**

Agroecologia é uma forma holística que engloba diversas áreas, como a social, econômica, ambiental, etc.. Porém, existem técnicas agroecológicas a serem aplicadas na agricultura, assim como regras.

A proposta agroecológica contempla o cultivo coletivo da terra; a restauração, preservação e cuidado dos ecossistemas e da biodiversidade; a implantação de sistemas agroflorestais; as experiências de comercialização direta e economia popular solidária; o consumo responsável, o destino e o tratamento adequado dos resíduos, etc. Configura uma nova cosmovisão da vida no campo e na cidade. (BENINCA; BONATTI, 2020, p194.)

Fazendo um contraponto ao agronegócio, que se utiliza de artifícios de monocultura, agrotóxicos e maximização dos lucros, a Agroecologia está muito mais preocupada com uma produção economicamente viável, livre de agrotóxicos e que tenha uma contribuição social. Tem como princípios a valorização da agricultura camponesa e familiar, a distribuição justa da produção e a manutenção dos saberes tradicionais, além do interesse em produzir comida, alimentos saudáveis que contribuam para a segurança alimentar. “Ao contrário do agronegócio, onde tudo é transformado em mercadoria, a agroecologia é um compartilhamento comunitário de culturas e diversidade”. (FERNANDES,2019).

O Brasil tem na agricultura um dos seus principais setores econômicos, a partir dos anos 1950 esse setor passou por grandes transformações ditadas pela Revolução Verde que foi a inserção de um “pacote” tecnológico, que foi disseminado com a narrativa de que seria responsável pela modernização do campo e pelo aumento da produtividade da produção agrícola e com isso alimentos poderiam chegar a todas as pessoas.

Segundo Lazzari (2017), "a revolução verde irrompe no Brasil com a promessa

de modernização do campo e erradicação da fome, aumento da produção, e, sobretudo, com a nova era da agricultura e a busca de desenvolvimento nos países subdesenvolvidos”. O autor ainda ressalta que nesse momento é que o agronegócio começa a se efetivar no país, com o aumento de maquinário no campo e a busca por maior lucratividade começam a se espalhar os latifundiários com suas fazendas de soja, milho e gado.

Fazendo uma análise da “Revolução Verde”, esta proporcionou através destes “pacotes”, degradação ambiental e modificou a cultura dos agricultores tradicionais. A ideia passada é de que esses “avanços” na agricultura resolveriam o problema da fome, através do aumento da produtividade agrícola. Porém, a revolução verde, além de não acabar com a fome, contribuiu para o aumento da concentração de terras no país.

Foram adotadas no Brasil tecnologias agrícolas que favoreciam a produção em grandes propriedades e focadas na monocultura para a exportação. Toda essa mudança no campo fez com que agricultores familiares perdessem seu espaço de produção e de morada, buscando lugar nas cidades, para buscar trabalho. Ainda de acordo com Lazzari (2017) “a aclamada modernização do campo fez com que pequenos produtores fossem expropriados, dando lugar aos moldes empresariais de organização da produção”.

Em contraponto a esse conceito de Agronegócio, surge um movimento de agricultores que buscavam uma forma de agricultura que fosse sustentável, que se preocupasse com os cuidados com o meio ambiente e que respeitasse os tempos da natureza, sem a utilização de venenos. Para contrapor o agronegócio, surge a Agroecologia.

Altieri (2004, p23)

A agroecologia fornece uma estrutura metodológica de trabalho para a compreensão mais profunda tanto da natureza dos agroecossistemas como dos princípios segundo os quais eles funcionam. Trata-se de uma nova abordagem que integra os princípios agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo.

Para o autor, a utilização dos agrossistemas com objeto de estudo ultrapassa a visão unidimensional da agricultura e incluem dimensões ecológicas, sociais e culturais e que a abordagem agroecológica faz com que os pesquisadores partam de análise sobre as técnicas dos agricultores no desenvolvimento dos agrossistemas. (ALTIERI 2004, p 23)

Para Primavesi (1997), a Agroecologia trabalha a agricultura de forma sustentável, isso significa, ecologicamente sustentável, socialmente justa e economicamente viável.

O processo que a Agroecologia adota e que contribui para a Soberania Alimentar é o policultivo, que consiste em uma prática agrícola onde diversos alimentos são cultivados em um só terreno.

A Agroecologia pode ser entendida como enfoque científico, teórico, prático e metodológico, com base em diversas áreas do conhecimento, que se propõe a estudar processos de desenvolvimento sob uma perspectiva ecológica e sociocultural e, a partir de um enfoque sistêmico, adotando o agrossistema como unidade de análise. (Estatuto da Associação Brasileira de Agroecologia).

Possui uma preocupação ambiental e social que vai além da dimensão produtiva, ela busca também a valorização do trabalho no campo e o fortalecimento da interação campo-cidade, além da valorização dos saberes tradicionais. “A agroecologia fornece as ferramentas metodológicas necessárias para que a participação da comunidade venha a se tornar a força geradora dos objetivos e atividades dos projetos de desenvolvimento”. (ALTIERI 2004, p 27)

Por uma ótica generalista, a agroecologia pode ser analisada por seus 3 pontos principais: técnica, ciência e movimentos sociais. A técnica com a valorização do modo de trabalho dos agricultores, a ciência como fundamental na disseminação da agroecologia como campo de estudo e efetivamente como ciência e os movimentos sociais, que nos últimos anos tem se esforçado para espalhar os conceitos agroecológicos.

Cunha e Engelman também consideram uma divisão da agroecologia em três pontos:

A Agroecologia é um campo de análise que se situa na produção de uma agricultura que congrega três objetivos principais: o social, em que pese à autosuficiência alimentar o desenvolvimento rural e a satisfação das necessidades básicas das comunidades locais; o ambiental, que atenta para a estabilidade da produção ao longo do tempo; e o econômico, que incorpora a produção a partir do aproveitamento da biodiversidade pela preservação dos ecossistemas, através de uma estabilidade produtiva e com o uso de tecnologias mais racionais do ponto de vista ambiental e plenamente de acordo com as possibilidades de realização local, portanto, sem dependência externa de insumos e energia. (CUNHA E ENGELMAN)

No Quadro 1, organizado por SOUZA 2009, ficam evidenciadas as principais diferenças entre a agricultura agroecológica e a agricultura convencional.

Quadro 1: Tipos de Agricultura

Os dois modelos de produção:	Agricultura Imperialista dos transgênicos, convencional	Agricultura Popular, agroecológica
Quem se beneficia nesse modelo?	As multinacionais e latifundiários	Os pequenos e médios agricultores
Quem controla as sementes?	São patenteadas	São os agricultores que as produzem há dezenas e centenas de anos
Como controlar as pragas e doenças?	Usando inicialmente pouco veneno e aumentando conforme aumentar a resistência das pragas	Equilibrando e nutrido o solo, produzindo de modo racional
Qual o tipo do cultivo predominante?	Monocultura	Policultura
Qual a forma de adubação do solo?	Adubos e fertilizantes químicos	Adubos orgânicos para o solo e não pra a planta
Quem controla esse modelo?	Multinacionais da biotecnologia e da agroquímica	Os pequenos e médios agricultores com suas cooperativas e associações
E a produtividade é maior?	Sua justificativa é a 'alta eficiência e produtividade', no entanto se comparada a quantidade obtida e emprego total; tem escassos níveis de produtividade	As pequenas produtividades que adotam a diversidade biológica têm um rendimento muito maior em termos de utilização eficiente de recursos e de maior produção por hectare.
Qual é o custo da produção neste modelo?	Custos elevados, pois depende de uma grande quantidade de insumos externos importados	Baixo custo pois não depende de insumos externos e é possível produzir de tudo.
O que ocorre neste modelo com o meio ambiente?	Contaminação das variedades crioulas pela transgenia, contaminação do solo e águas subterrâneas, aparecimento d e pragas e doenças.	Um meio ambiente equilibrado que diminui a incidência de pragas e de doenças

Fonte: SOUZA 2009

As dicotomias apresentadas no quadro acima, além de evidenciar a diferença entre esses dois tipos de agricultura na questão produtiva, mostra também a relação que cada uma delas tem com o meio ambiente. Como na questão do uso de fertilizantes químicos de um lado e adubos orgânicos do outro. Ou ainda a relação de quem controla cada modelo de agricultura, de um lado as grandes empresas multinacionais do agronegócio e do outro os agricultores familiares, geralmente organizados em cooperativa para conseguir se inserir no mercado.

Movimentos socioterritoriais como o pré-assentamento Emiliano Zapata (Ponta Grossa- PR), se utilizam da Agroecologia para romper com os modelos atuais de agricultura, visando relações entre produtores e consumidores, aproximando quem planta de quem se alimenta, além da preocupação ambiental existente na agroecologia e principalmente as questões relacionadas a Soberania Alimentar, onde os produtores possam escolher quais alimentos irão produzir, que estejam mais alinhados com o local e como serão distribuídos.

A agroecologia serve também como uma peça chave para as questões

territoriais do assentamento, que se utiliza dela para resistir no campo como bandeira de luta. É através dela que os camponeses assentados se organizam e estruturam suas produções, visando o desenvolvimento e afirmação de seu território. A produção agroecológica, pode também contribuir para a soberania alimentar dos locais onde ocorre.

## 1.2 SEGURANÇA ALIMENTAR E SOBERANIA ALIMENTAR: PRINCIPAIS DIFERENÇAS

Souza (2009, p.116) relata que “há forte disputa entre os conceitos, mas ao mesmo tempo certa confusão teórica, de certo modo compreensível, já que o conceito de soberania vem sendo proposto desde a segunda metade da década de 1990”.

Para Stédile e Carvalho (2012, p. 717), o conceito de soberania alimentar traz uma dimensão política mais ampla do que a segurança alimentar, pois esta, parte do princípio de que “para ser soberano, e protagonista do seu próprio destino, o povo deve ter condições, recursos e apoio necessários para produzir seus próprios alimentos”.

Costa (2021, p. 43) aponta que “as proposições da soberania alimentar se inscrevem na “ordem”/condição da ruptura e na constituição de um outro projeto civilizatório, enquanto a segurança alimentar e nutricional tem suas bases na ordem das reformas que modificam as relações sociais de produção, nos limites e nos interesses inscritos pela ordem do capital”.

Os conceitos de Segurança Alimentar e Soberania alimentar podem parecer, de grosso modo, muito semelhantes na forma de buscarem o direito à alimentação e a erradicação da fome, porém como tratam essa questão mais profundamente é o que realmente os difere e conforme aponta Costa:.

as condições objetivadas nesse processo imbricado entre segurança alimentar e nutricional e soberania alimentar demarcam que a primeira, da maneira como tem sido implementada, está na ordem de manter e garantir – de forma ampliada – os processos de reprodução das relações do capital, enquanto a segunda se inscreve e se fundamenta na constituição da ruptura e superação do modo de produção capitalista.

COSTA, 2021 p. 30

São propostas que “nasceram em contextos políticos diferentes, representam interesses de classes historicamente em disputa” (HOYOS; AGOSTINI, 2017) e é a partir das diferenças e das estratégias utilizadas em cada uma dessas propostas que suas ações de produção, comercialização e distribuição ficam mais evidentes. A

seguir os dois conceitos serão analisados de maneira isolada para buscar uma melhor compreensão acerca de quais ações os diferenciam efetivamente.

### 1.2.1 Segurança alimentar

Após o final da Primeira Guerra Mundial, surge a necessidade de pensar na Segurança alimentar dos países. A crise econômica contribui para esse cenário e faz com que os países capitalistas industriais busquem maneiras de buscar o monopólio da produção de alimentos.

O conceito de segurança alimentar foi debatido desde o final do Século XIX, mas só se concretiza em 1974, na Conferência Mundial da Alimentação, onde a ONU sugere a Segurança Alimentar como proposta no âmbito internacional e tem como primeira perspectiva:

El bienestar de todos los pueblos del mundo depende en buena parte de la producción y distribución adecuadas de los alimentos tanto como del establecimiento de un sistema mundial de seguridad alimentaria que asegure la disponibilidad suficiente de alimentos a precios razonables en todo momento, independientemente de las fluctuaciones y caprichos periódicos del clima y sin ninguna presión política ni económica, y facilite así, entre otras cosas, el proceso de desarrollo de los países  
Declaración universal sobre la erradicación del hambre y la malnutrición

A FAO, através da Declaração de Roma sobre a Segurança Alimentar Mundial e o Plano de Acção da Cimeira Mundial da Alimentação, propõe bases comuns para atingir a segurança alimentar a nível individual, familiar, nacional, regional e mundial.

E ainda define que:

Existe segurança alimentar quando as pessoas têm, a todo momento, acesso físico e económico a alimentos seguros, nutritivos e suficientes para satisfazer as suas necessidades dietéticas e preferências alimentares, a fim de levarem uma vida activa e sã.”(Declaração de Roma Sobre a Segurança Alimentar Mundial e Plano de Acção da Cimeira Mundial da Alimentação 1996)

Esse documento, porém, é visto como legitimador da revolução verde no mundo, como aponta Hoyos e Agostini (2017) “a Declaração foi um instrumento internacional que legitimou e promoveu a revolução verde e as respectivas ações para o aumento da produtividade agrícola, criando a plataforma base para o monopólio internacional de produção de alimentos”.

A ideia de se pensar em Segurança Alimentar se mostra diretamente ligada à Revolução Verde, visto que uma das justificativas para a implantação do pacote

tecnológico foi aumentar a produtividade no campo para “eliminar a fome” do mundo. Percebe-se que além de não acabar com a fome do mundo, essa intensificação da produção acarretou efeitos negativos como o uso intensivo do solo, o desmatamento como justificativa do aumento de áreas de cultivo, o uso de recursos hídricos de forma indiscriminada e a utilização massiva de agrotóxicos.

A segurança alimentar nada mais é do que uma interpretação do direito à alimentação e da forma como os alimentos são garantidos, visando pavimentar o caminho e justificar um monopólio internacional da produção e distribuição de alimentos, interpretação que tem sido criticada e pressionada pelos movimentos socioterritoriais devido os problemas que essa estratégia tem gerado (HOYOS; AGOSTINI, 2017).

### 1.2.2 Soberania alimentar

O direito que os povos têm de decidir sobre suas políticas e estratégias de produção de alimentos, que garantem a alimentação saudável e para todos, é conhecida como Soberania Alimentar.

A utilização do termo Soberania Alimentar surge em 1996 através da declaração de Tlaxcala com a Via Campesina que é uma organização internacional de camponeses composta por mais de 180 movimentos sociais e organizações presentes em 81 países. O termo aparece na segunda conferência internacional da Via Campesina no México em 1996, conferência essa que tem como contexto a busca pela defesa dos povos que vivem na terra. “Este encuentro histórico muestra la naturaleza dinámica de nuestra solidaridad y de nuestra determinación para avanzar en la defensa de los que viven de la tierra y en la construcción de mejores alternativas” (DECLARACIÓN DE TLAXCALA DE LA VIA CAMPESINA, 1996).

Durante a realização da conferência, que contou com 69 organizações de 37 países, ocorreu no Brasil, no dia 17 de abril de 1996, o massacre de Eldorado dos Carajás, onde 19 camponeses sem terra foram assassinados enquanto participavam de uma marcha no estado do Pará. Diante disso, esse dia passou a ser considerado o Dia Mundial da Luta Camponesa.

A soberania alimentar nasce com o propósito de superar o conceito de segurança alimentar, que era promovido pelos governos e que, no entendimento dos

movimentos camponeses, favorece mais o interesse do agronegócio do que o dos povos tradicionais.

Frente a un ambiente cada vez más hostil a los campesinos y pequeños agricultores en todo el mundo, nuestra respuesta es desafiar de forma colectiva sus condiciones. Nos une el rechazo a las condiciones económicas y políticas que destruyen nuestras formas de sustento, nuestras comunidades, nuestras culturales y nuestro ambiente natural. Estamos determinados a crear una económica rural basada en el respeto a nosotros mismos y a la tierra, sobre la base de la soberanía alimentaria, y de un comercio justo DECLARACION DE TLAXCALA DE LA VIA CAMPESINA

Fernandes (2019) ao falar sobre o conceito de soberania alimentar, diz que o conceito recuperou o direito soberano dos governos de pensar estrategicamente a produção de alimentos, que antes era monopolizada por grandes empresas e ainda protege a produção em pequena escala, a agroecologia e o comércio local contra a produção de commodities destinados aos mercados internacionais.

A soberania alimentar contribui para o desenvolvimento da agroecologia ao defender que os camponeses não devem produzir commodities para atender os grandes mercados e que devem fazer a transição agroecológica, ficando livre da utilização de venenos, sementes modificadas e demais itens do pacote da Revolução Verde.

Além disso, está relacionada com o direito dos povos de escolher a maneira como os alimentos serão produzidos e que essa produção respeite a natureza e os meios de vida. Ainda de acordo com Souza (2009) "é o direito dos povos de definir seu próprio alimento e agricultura, de proteger e regular a produção agrícola doméstica e o comércio para criar objetivos de desenvolvimento sustentável"

Se faz fundamental para assegurar a produção de alimentos por meio da Agroecologia, mas para isso é necessário a elaboração de políticas que promovam a Agroecologia e a Soberania Alimentar, além da manutenção das políticas já existentes para o fortalecimento do setor. Conforme aponta Fernandes (2019) "a transição agroecológica necessita de políticas públicas, em escala nacional, com estruturas que fortaleçam a produção agrícola e pecuária, a produção de alimentos in natura e minimamente processados e mercados alternativos ao mercado capitalista".

Também é possível perceber o reconhecimento do valor da comida no prato, pois tem relação com como os alimentos são produzidos e distribuídos. Para ser



soberano é necessário produzir e comercializar localmente, estimulando a cultura e o modo de vida de cada povo e afastando a dependência dos grandes mercados.

Comida de verdade garante a soberania alimentar; protege o patrimônio cultural e genético; reconhece a memória, a estética, os saberes, os sabores, os fazeres e os falares, a identidade, os ritos envolvidos, as tecnologias autóctones e suas inovações. É aquela que considera a água alimento. É produzida em condições dignas de trabalho. É socialmente justa. Comida de verdade não está sujeita aos interesses de mercado. Comida de verdade é caracterizada por alimentos in natura e minimamente processados em detrimento de produtos ultraprocessados. Precisa ser acessível, física e financeiramente, aproximando a produção do consumo. Deve atender às necessidades alimentares especiais. Comida de verdade é aquela que é compartilhada com emoções e harmonia. Promove hábitos alimentares saudáveis no campo, na floresta e na cidade.

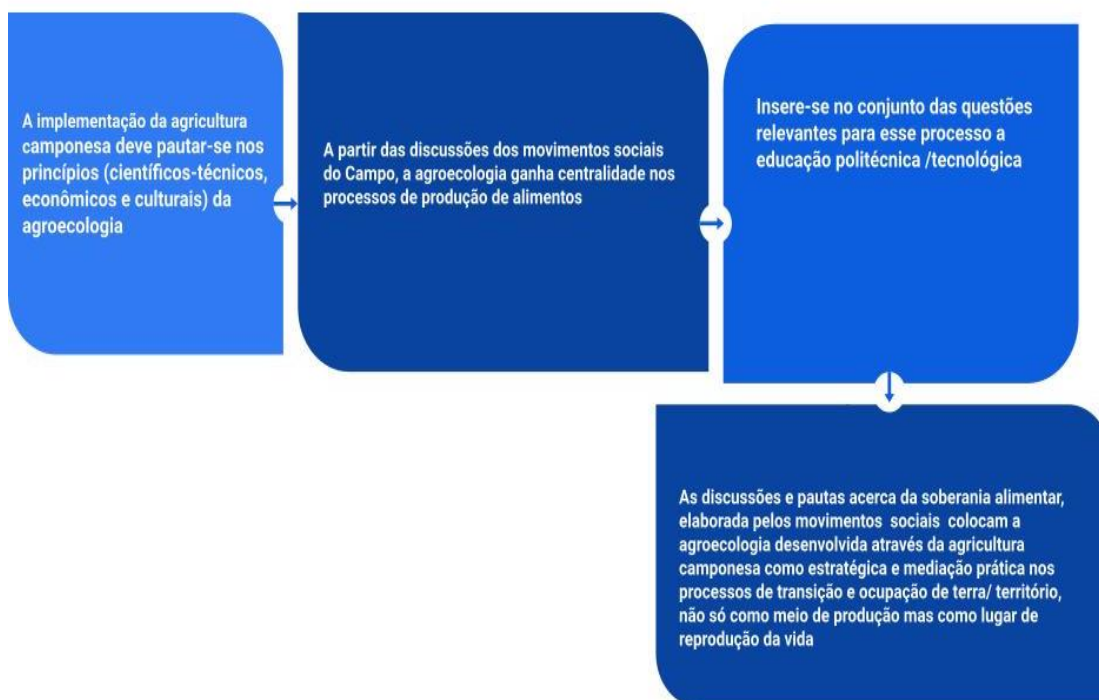
Manifesto da 5ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional à Sociedade Brasileira sobre Comida de Verdade no Campo e na Cidade, por Direitos e Soberania Alimentar 2015.

A Soberania alimentar se propõe a analisar a cadeia de produção e consumo de maneira conjunta, ou seja, produção, distribuição e consumo devem ocorrer de maneira harmônica, sem explorações. Além disso, ainda tem como premissas o resgate dos conhecimentos ancestrais e valorização das mulheres e da agricultura camponesa e familiar, conforme mencionado no trecho da Declaración de Tlaxcala:

segurar el desarrollo rural incluyente, que reconozca la importancia de la contribución de las mujeres en la producción de alimentos, es nuestro compromiso. Exigimos una reforma agraria autentica que devuelva sus territorios a los pueblos indígenas, que le otorgue a los campesinos sin tierra y a los agricultores pequeños propiedad y control de la tierra que trabajan.

É, portanto, um conceito muito amplo e que apesar de ser recente nas discussões a nível mundial, se faz necessário para buscar o enfrentamento do monocultivo e da produção de commodities para buscar uma agricultura sustentável por meio da Agroecologia.

Figura 1: Soberania Alimentar e Agroecologia



Adaptado de COSTA: Soberania Alimentar e Agroecologia

Na Figura 1, resume a participação da agricultura camponesa na Agroecologia, passando pela inserção das discussões da Soberania Alimentar dentro dos movimentos sociais, colocando a agroecologia como uma estratégia nas questões relacionadas a esse tema. A produção de alimentos agroecológicos, além de contribuir para a soberania alimentar, contribui também para a ocupação de terras para transformação em território e reprodução da vida.

Para a construção dessa pesquisa, foi escolhido fazer o enfoque sobre a Soberania Alimentar por ser um tema, que está relacionado com os movimentos sociais e com a produção de alimentos saudáveis. Diferente da Segurança alimentar, com sua ligação muito mais voltada para o agronegócio e a indústria de ultraprocessados. A ideia é tratar de um tema que esteja mais ligado com a autonomia dos povos na definição de sua alimentação, da preocupação com uma alimentação saudável e sustentável, pensando no futuro do planeta, que atenda questões sociais, alimentando pessoas e contribuindo para o desenvolvimento social.

Para o desenvolvimento da soberania alimentar, um dos fatores é que a agricultura se desenvolva de maneira sustentável e ecologicamente correta, nesse caso, analisada sob a ótica da agroecologia. No que lhe concerne, a produção

agroecológica precisa ser analisada através dos movimentos que a produzem e como esses movimentos, nesse caso movimentos socioterritoriais, estão produzindo seus territórios. Esse assunto será discutido no próximo capítulo.

## **CAPÍTULO 2 - TERRITÓRIO E MOVIMENTOS SOCIOTERRITORIAIS: UMA REFLEXÃO SOBRE A LUTA DOS MOVIMENTOS PARA CONQUISTA DE SEU TERRITÓRIO**

As dinâmicas dos movimentos socioterritoriais estão relacionadas com a conquista do território para o seu desenvolvimento. Nesse sentido, o presente capítulo analisará o conceito de território buscando a compreensão e correlação com o desenvolvimento dos movimentos socioterritoriais.

### **2.1 TERRITÓRIO**

Para a compreensão dessa categoria de análise geográfica tão importante que é o Território, parte fundamental para esse trabalho, é necessário a compreensão de outro conceito, o de Espaço. Para tanto, é possível analisar a compreensão de Milton Santos que aponta que “O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (SANTOS 2006, p 39).

O espaço pertence a todos, porém se transforma em território quando conquistado por um determinado grupo. Quando um grupo se apropria desse espaço, seja através de um domínio físico, domínio ideológico ou ambos, altera a territorialidade desse espaço, portanto o território está ligado ao poder.

Saquet (2007, p.37) já apontou isso ao falar que o território é um lugar de relações baseadas na apropriação e produção do espaço geográfico, com uso de energia e informação, adquirindo assim um novo significado, mas sempre vinculado ao controle e dominação social.

Com o conceito de Espaço já exposto, é necessário então partir para a conceituação de território, que Saquet conceitua como:

O território é natureza e sociedade: não há separação; é economia, política e cultura; edificações e relações sociais; des-continuidades; conexão e redes; domínio subordinação; degradação e proteção ambiental, etc. Em outras palavras, o território significa heterogeneidade e traços comuns; apropriação e dominação historicamente condicionadas; é produto e condição histórica e transescalar; com múltiplas variáveis, determinações, relações e unidade. É o espaço de moradia, de produção, de serviços, de mobilidade, de des-organização, de arte, de sonhos, enfim, de vida (objetiva e subjetivamente). O território é processual e relacional, (i)material, com diversidade e unidade, concomitantemente. (Saquet, 2006.p.83)

Outro autor que auxilia na compreensão de território é Haesbert (2010, p20) ao

afirmar que desde sua origem:

o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra territorium quanto de terro-terror (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo- especialmente para aqueles que, com esta dominação ficam alijados da terra ou no “temtorium” são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por outro lado, podemos dizer que, para aqueles que têm privilégio de plenamente usufruí-lo, o território pode inspirar a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação”. Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico de apropriação.

Fernandes (2015, p.86.) elenca dois pressupostos a serem considerados para a análise do conceito de território:

1) O conceito de território não deve ser pensado como uno, mas sim a partir de suas múltiplas escalas e dimensões; 2) a terra é a base do conceito de território, sendo espaço limitado por relações de poder, sob a forma de propriedade, constitui-se em fração do território que é disputado por distintos interesses de classes sociais.

A ideia de que a terra é a base para o conceito de território, vem ao encontro das discussões sobre a luta pela terra como sendo a luta por um território. Nesse sentido, a luta pela reforma agrária, praticada pelo MST, é uma luta por território, nesse caso a terra necessária para a plantação e desenvolvimento de suas práticas agrícolas, ou seja, a Agroecologia.

Já a ideia de que o território deve ser pensado em suas múltiplas escalas e dimensões remete à questão do território, um espaço relacional e multidimensional, ou seja, não está somente relacionado à terra, mas a todas as pessoas e seres.

Os principais debates sobre o conceito de território apontam que esse pode ser compreendido como o lugar onde alguém exerce seu poder sobre outro. Ele “assume um caráter de relação de dominação político-econômica e de apropriação simbólico-cultural; é multifuncional e multiescalar” (SAQUET, 2007 p126)

Dentro desse contexto é importante analisar a questão (i) material do território, as relações sociais que existem dentro dele e que auxiliam na sua configuração. Essa abordagem auxilia na compreensão dos movimentos socioterritoriais e suas dinâmicas, entendendo que o território é construído socialmente.

Em sua análise do território (i) material, Saquet (2007 p 127) argumenta que “o território é produto das relações sociedade-natureza e condição para a reprodução social; campo de forças que envolvem obras e relações sociais (econômicas-políticas-culturais), historicamente determinadas”

Milton Santos propõe uma abordagem de análise que trata da configuração territorial e das relações sociais:

A configuração territorial é dada pelo conjunto formado pelos sistemas naturais existentes em um dado país ou numa dada área e pelos acréscimos que os homens super impuseram a esses sistemas naturais. A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima. A configuração territorial, ou configuração geográfica, tem, pois, uma existência material própria, mas sua existência social, isto é, sua existência real, somente lhe é dada pelo fato das relações sociais. SANTOS 2006, p 38

Para Fernandes (2005, p.27) “o território é o espaço apropriado por uma determinada relação social que o produz e o mantém na forma de poder” E aponta ainda que o território é um espaço de conflitualidades, pois os territórios possuem suas delimitações, fronteiras, limites, etc.

## 2.2 MOVIMENTOS SOCIOTERRITORIAIS

Movimentos socioterritoriais podem ser entendidos como movimentos que utilizam e se apropriam de parte do território para estabelecer suas lutas. Estão ligados a uma apropriação ao construírem o espaço e quando lutam pelo reconhecimento desse.

“Território é poder e dominação, é autonomia e subordinação, é liberdade e prisão. É, portanto, luta e resistência. Por essas razões, o território carrega em si o contraditório e, portanto, a possibilidade de superação e de subordinação: de apropriação e expropriação (MARTIN E FERNANDES,2004).

Diante dessa perspectiva, Fernandes (2005, p.31) reforça que para os movimentos socioterritoriais o território além de um trunfo é algo essencial para sua existência e continua dizendo que é onde criam relações sociais para tratarem dos seus interesses e poderem produzir seus espaços e territórios. Essa produção de espaço está diretamente ligada com a ação política dos grupos, pois é através dela que conseguem promover suas espacialidades.

Diferente dos movimentos socioespaciais, que estão relacionados com a mediação de um local, os movimentos socioterritoriais estão ligados com a apropriação do espaço para produção de seu território. A diferença de conceituação desses dois tipos de movimento, o socioespacial e o socioterritorial está relacionado ao método ou a forma que cada um utiliza o espaço. É necessário que se conheça a trajetória de cada movimento para que se possa identificar se se trata de um movimento socioespacial ou socioterritorial.

No mundo um dos exemplos de movimento social de bastante relevância é a Via Campesina que, conforme já citado anteriormente, luta pela Soberania Alimentar e pelo direito dos povos de poder decidir sobre sua alimentação e para isso se utiliza da disseminação da Agroecologia.

A Via Campesina é formada por diversos movimentos sociais e socioterritoriais como a Comissão Pastoral da Terra (CPT), Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), entre outros.

Conforme aponta Martin e Fernandes (S.d.) é a partir da articulação da Via Campesina que esses movimentos socioterritoriais conquistam representação mundial e isso possibilitou que esses movimentos conseguissem realizar debates e troca de experiências com relação à territorialização e luta pela reforma agrária.

O MST, um dos exemplos de movimentos socioterritoriais presente no Brasil, é um dos mais importantes e ativos movimentos do país. O movimento tem como foco a luta pela reforma agrária e demais questões relacionadas com o homem do campo.

Em seu desenvolvimento, o MST sempre teve como referências estes princípios: lutar contra o capital na construção de uma sociedade sem exploração; lutar pela terra e pela reforma agrária, para que a terra seja sempre a serviço de toda a sociedade; lutar pela dignidade humana, por meio da justa distribuição da terra e das riquezas produzidas pelo trabalho; lutar sempre pela justiça com base nos direitos humanos; lutar contra todas as formas de dominação e procurar em todo o tempo e lugar a participação igualitária da mulher. (Fernandes 2000, p 86)

Segundo o site do movimento, o MST está presente em 24 estados do Brasil e distribuído por todas as regiões, os números do movimento apontam ainda que aproximadamente 450 famílias conquistaram a terra através das lutas e da organização dos trabalhadores.

Uma das diretrizes encontradas no site do MST é a transformação social:

A luta pela transformação social significa propor alternativas de transformações na estrutura da sociedade brasileira e auxiliar na construção de um projeto de desenvolvimento nacional com justiça social. A principal forma do MST contribuir com a transformação social é lutar pelo fim da concentração da terra. E na defesa de um novo projeto de desenvolvimento em que a desconcentração e democratização da terra, o trabalho emancipado, o ser humano e a natureza sejam elementos centrais.  
Site MST

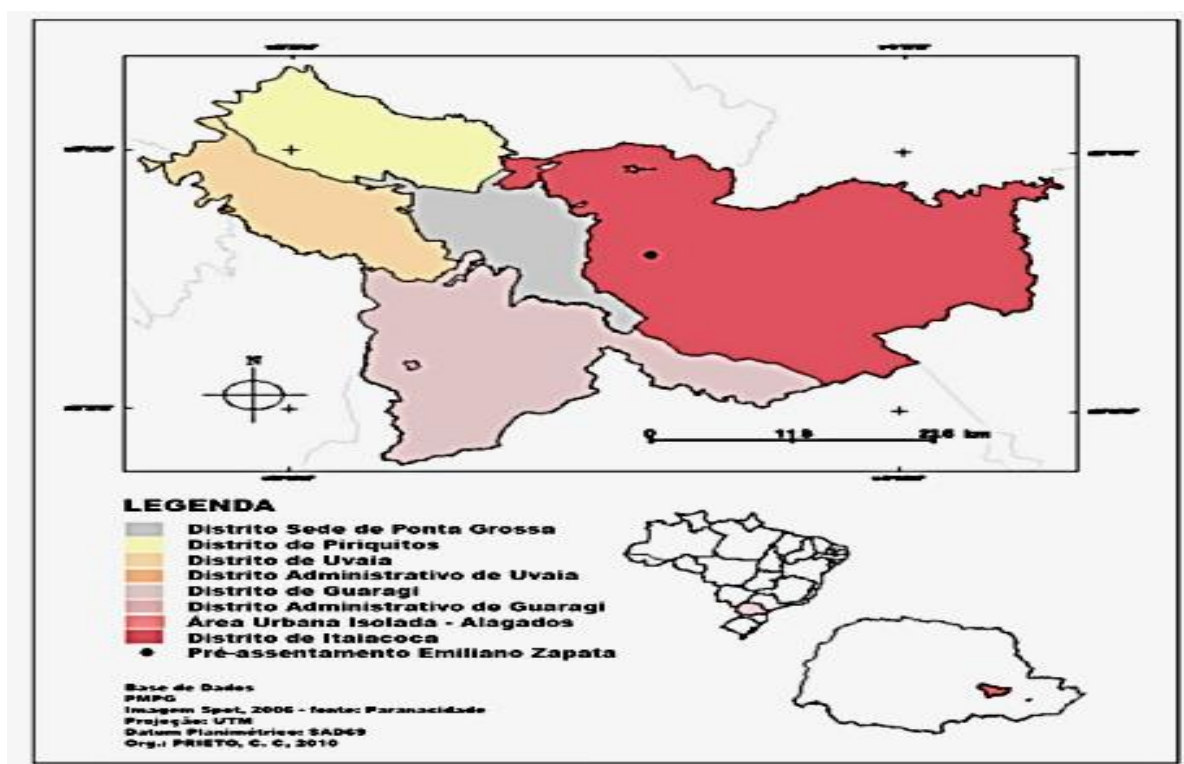
Além disso, o movimento coloca a reforma agrária popular como uma de suas bandeiras por acreditar que deve ser garantido o direito à terra para os que trabalham nela. E como parte dessa bandeira, está a organização da produção com a produção

de alimentos livre de agrotóxicos e que seja aplicado o princípio da soberania alimentar. Um dos motivos da organização da produção é que essa serve para a manutenção do território que, de acordo com Engelmann (2011, p.71) “A questão da produção nos territórios conquistados pelo MST é entendida, como fundamental e estratégica para o desenvolvimento como para permanência do camponês nesses territórios”.

Para o presente trabalho, o MST é analisado através do pré-assentamento Emiliano Zapata, localizado no município de Ponta Grossa, que ao ocupar o espaço que hoje se encontram formou resistência e instituiu seu modo de vida, caracterizando-os como movimento socioterritorial.

Imagem: Mapa da localização do pré-assentamento no município de Ponta Grossa-PR.

Mapa 1: Mapa do município de Ponta Grossa com localização do Pré-Assentamento Emiliano Zapata



Organização: PRIETO, C.C, 2009

O pré-assentamento surgiu de uma ocupação de terra realizada pelo MST em 2003, onde na época, aproximadamente 150 famílias de integrantes do MST estavam presentes.

Segundo Fernandes (2000, p 55), "quando os sem-terra tomam a decisão de acampar, estão desafiando o modelo político que os exclui da condição de cidadãos. A resistência no acampamento é a façanha. A persistência é o desafio. Para



sobreviver, os acampados dependem de sua organização, do trabalho e do apoio dos que defendem a reforma agrária. ”

Fotografia 1: Placa de entrada do Pré-assentamento Emiliano Zapata



Fonte: De autoria Própria (2022)

Na Fotografia 1, observa-se a placa da entrada principal presente hoje no pré-assentamento. O nome da comunidade e as informações contidas na placa exemplificam o que foi citado anteriormente, trata-se de uma Comunidade de Resistência, na luta por terra, trabalho e dignidade. Ocupando o espaço que anteriormente era uma fazenda capitalista de monocultivo, o movimento territorializa o local ao fragmentar em várias outras unidades familiares de produção. Para Fernandes (2000, p 173) “A ocupação é uma forma de luta, é uma ação popular que compreende tempo e espaço na transformação da realidade”.

A ocupação da terra é uma forma de ação do movimento camponês, chamados de movimentos socioterritoriais porque fazem do território uma condição necessária à sua existência. Essas ocupações tiveram caráter de enfrentamento, resistência e retomada de terras, e se tornaram uma ferramenta contra o latifúndio e o agronegócio.

Ainda para Fernandes (2000, p 28), a ocupação realizada pelos sem-terra é a principal maneira de lutar pelo acesso à terra, além de fazer parte da história da resistência camponesa.

Fernandes traz uma análise dos movimentos socioterritoriais com relação à

ocupação de terra ao citar que:

Os movimentos socioterritoriais realizam a ocupação através do desenvolvimento dos processos de espacialização e territorialização da luta pela terra. Ao espacializarem o movimento, territorializam a luta e o movimento. Esses processos são interativos, de modo que a espacialização cria a territorialização e é reproduzida por esta (Fernandes, 2001 p 69)

Nesse sentido, Engelman e Cunha definem que

o mecanismo inicial da territorialização dos movimentos sociais do campo ocorre com a formação dos espaços de luta e resistência nos acampamentos em beiras de estradas e ocupações de fazendas. Para os camponeses assentados, a conquista da terra representaria um avanço em seu processo de luta por autonomia, já que em um dado momento de suas trajetórias de vida tais famílias vivenciaram os problemas da exclusão social (a pobreza, a falta de emprego, a exclusão da terra de trabalho)

Martini e Fernandes reforçam essa ideia ao afirmarem que no processo de espacialização, os acampamentos são resultados das ocupações e são espaços da luta política na busca da transformação de suas realidades e que a mudança dessa realidade passa pela transformação do espaço em território.

O MST, ao ocupar uma determinada área, está ocupando um espaço geográfico, a partir disso, com a ocupação e a inserção das ideias e ideais levantados pelo movimento, esse espaço torna-se um território, neste caso um território de resistência e luta pela reforma agrária, e onde a soberania alimentar pode ser construída.

Os movimentos sociais do campo têm sido foco de diversos estudos que apontam seu papel ativo na luta pelos direitos dos grupos excluídos da sociedade brasileira. Por meio da ação coletiva, resistem à exclusão e desencadeiam novas dinâmicas sociais no campo.

o território nos serve para evidenciar os conflitos sociais e as relações de poder de forma especializada, no âmbito de atuação das organizações sociais e das instituições que representam a ideologia hegemônica, correspondendo assim ao estabelecimento de uma territorialidade, com o fortalecimento, o resgate ou construção de uma identidade, caracterizada pela cultura, que promovam um sentimento identitário que permite que o indivíduo se sinta como membro pleno de uma coletividade. SOUZA 2009 p 130

É através dessa coletividade que os movimentos conseguem se espacializar e se territorializar, afinal a ocupação é uma maneira utilizada pelos movimentos para lutar. E tendo essa ocupação organizada, pensada desde seu início, permite que o senso de coletividade flua e contribua para a formação do território do movimento. O MST tem realizado isso com a organização em seus acampamentos e assentamentos,

seja com as divisões dos coletivos, com a criação de escolas e com a produção de alimentos, fazendo a ligação econômica com a cidade na comercialização desses.

Saquet (2007, p.49) ao analisar a obra de Giuseppe Dematteis, aponta que no mundo rural se efetivam as relações com a terra e que os indivíduos interagem especialmente cultural e economicamente, isso é o que ele chama de territorialidades cotidianas, essa interação dos indivíduos. Analisando as relações que o pré-assentamento possui, fica evidente essa análise de Saquet.

As relações com a cidade se fazem através da comercialização dos alimentos produzidos, seja de maneira direta através da venda porta a porta ou através da venda de sacolas de alimentos, ou de maneira indireta com a venda de alimentos para os programas de merenda escolar, por meio da cooperativa dos produtores.

A ligação dos movimentos socioterritoriais com a soberania alimentar se dá no momento em que se percebe que essa acontece em uma escala local, com o propósito de garantir a alimentação da população. Uma das formas de garantir a alimentação saudável a população, com base na pequena e na média produção e principalmente, considerando o direito dos povos, é através da agroecologia.

### 2.3 MOVIMENTOS SOCIOTERRITORIAIS, AGROECOLOGIA E SOBERANIA ALIMENTAR

A análise da soberania alimentar tem uma correlação com os movimentos socioterritoriais, pois essa para ser efetivada necessita de um território, além disso, ela integra uma dimensão do território, dentro dos conceitos de territórios multidimensionais abordados anteriormente. Também, se relaciona com a produção de alimentos saudáveis, através da agroecologia, além das questões relacionadas à preocupação social, cultural e o cuidado com o meio ambiente. A centralidade no discurso da soberania alimentar, portanto, vem de encontro com a agroecologia na produção de alimentos saudáveis e ecologicamente corretos, em variadas quantidade e qualidade que possam atender a população.

“A luta dos movimentos socioterritoriais pelo acesso à terra via políticas de reforma agrária se dá de modo articulado à implementação da Soberania Alimentar” (COCA; VINHA; CLEPS JUNIOR, 2021, p 123). O MST se utiliza da luta pela reforma agrária para enfrentar o modelo de latifúndio e poder contribuir para que os agricultores assentados tenham o direito de escolher os alimentos que irão produzir para alimentar a população local.

Os autores ainda apontam que uma das premissas da Soberania Alimentar é que os camponeses sejam provedores de alimentos para a população local, além da necessidade da utilização de bases sustentáveis para a produção e diante disso tem se utilizado da Agroecologia para esse fim (COCA; VINHA; CLEPS JUNIOR, 2021).

Através da agroecologia produzida pelos movimentos socioterritoriais é que esses conseguem contribuir para a soberania alimentar e essa no que lhe concerne é uma condição para a existência do território, pois implica a construção de um território para sua realização.

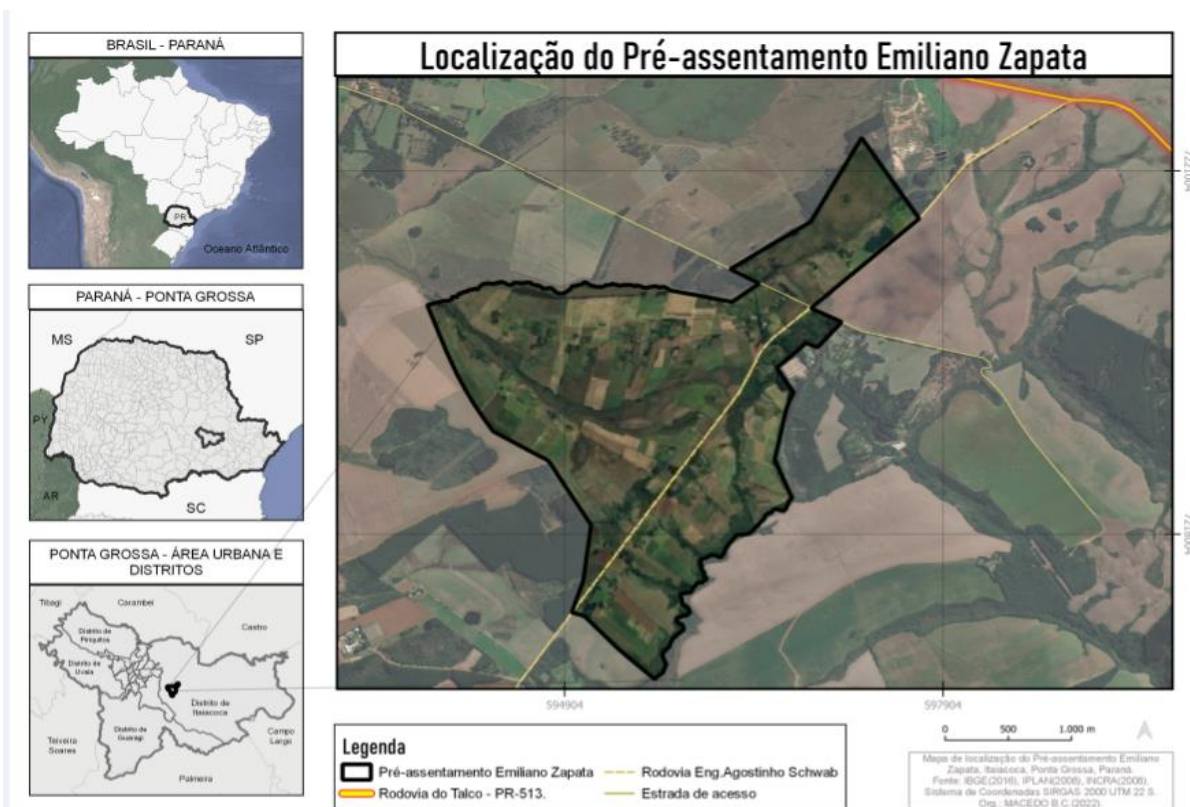
### **CAPÍTULO 3 – PRÉ-ASSENTAMENTO EMILIANO ZAPATA: A UTILIZAÇÃO DA AGROECOLOGIA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA E DE CONTRIBUIÇÃO PARA A SOBERANIA ALIMENTAR**

Em 2003, cerca de 150 famílias do MST, vindas de várias regiões do Paraná, principalmente da Região metropolitana de Curitiba e dos Campos Gerais, que estavam acampadas no município de Palmeira-PR, ocuparam uma Fazenda da EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária) localizada no distrito de Itaiacoca no município de Ponta Grossa e lá formaram acampamento que depois veio a se tornar o que é hoje o Pré-assentamento Emiliano Zapata.

O local ocupado estava sendo utilizado por uma empresa reflorestadora para o plantio de pinus, e experimentos com sementes transgênicas de soja. De acordo com Engelmann (2011, p.86) a ocupação ocorreu em um momento onde o MST estava se organizando para pressionar o governo por reforma agrária e com isso organizou vários acampamentos pelo país.

Atualmente a comunidade conta com uma divisão em 50 unidades familiares distribuídas em um território de aproximadamente 640 hectares (Mapa 2), onde essas famílias retiram seu sustento da terra que possuem. A comunidade se organiza por decisões coletivas, são formados grupos e cada um desses grupos possui uma liderança, essas lideranças levam as demandas e coletivamente decidem o melhor para o todo, baseado nas diretrizes da organização do MST.

Mapa 2: Localização do Pré-assentamento Emiliano Zapata



Organização: MACEDO

Outra forma de organização da comunidade é a COOPERAS (Cooperativa Camponesa de Produção Agroecológica da Economia Solidária), a cooperativa é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento das famílias. Através dela os agricultores conseguem se juntar para participar de licitações e de programas governamentais que sozinho, como agricultor familiar, muitas vezes não tem a possibilidade de participar. Além da cooperativa os agricultores se unem nas decisões de interesse do coletivo do pré-assentamento e também em eventos festivos e comemorativos, para isso, contam com a estrutura do barracão da Fotografia 2.

Fotografia 2: Barracão Pré-assentamento Emiliano Zapata



Fonte: De autoria Própria (2022)

A base da agricultura do pré-assentamento é a agroecologia, forma de cultivo que foi implantada pelo MST em suas unidades para lutar por reforma agrária, soberania alimentar e por ser uma maneira de cultivo sustentável e socialmente responsável. A ideia foi de buscar uma produção de alimentos de qualidade, que fosse ecologicamente correto e primeiramente atendesse a subsistência da comunidade e o restante da produção comercializada na cidade.

O território do pré-assentamento não é 100% agroecológico, devido à falta de apoio governamental, com políticas públicas e linhas de crédito que contribuam com o trabalho dos agricultores, muitos deles se utilizam de parte da unidade para a plantação de alimentos de maneira convencional, tentando utilizar a menor quantidade possível de produtos químicos em sua produção.

Se utilizam do cultivo dito convencional para a plantação de milho e soja, por exemplo, pois são cultivos, com bom giro no mercado e com isso conseguem gerar uma boa renda com pouca utilização de mão de obra, devido à utilização de agroquímicos e máquinas agrícolas. É também comum que alguns membros das famílias da comunidade busquem empregos ou bicos na cidade para complementar a renda.

A Fotografia 3, ilustra um pouco de como são as hortas da comunidade, percebe-se a diversificação na produção, o que contribui para uma melhor comercialização dos produtos. Pode-se ver também que o meio das hortas não

apresenta capim e outras ervas daninhas, e em um dos quadros da imagem mostra uma horta que se utiliza dos capins para a proteção das plantas e do solo. Todas essas fotos são de hortas agroecológicas com certificação. Também está presente na imagem os esterços, cobertos com lonas, utilizados para adubar o solo, esse esterco é comprado e os agricultores têm dificuldade em consegui-lo, além de que tem um custo elevado.

Fotografia 3: Plantação Agroecológica Pré-assentamento Emiliano Zapata



Fonte: De autoria própria, 2022

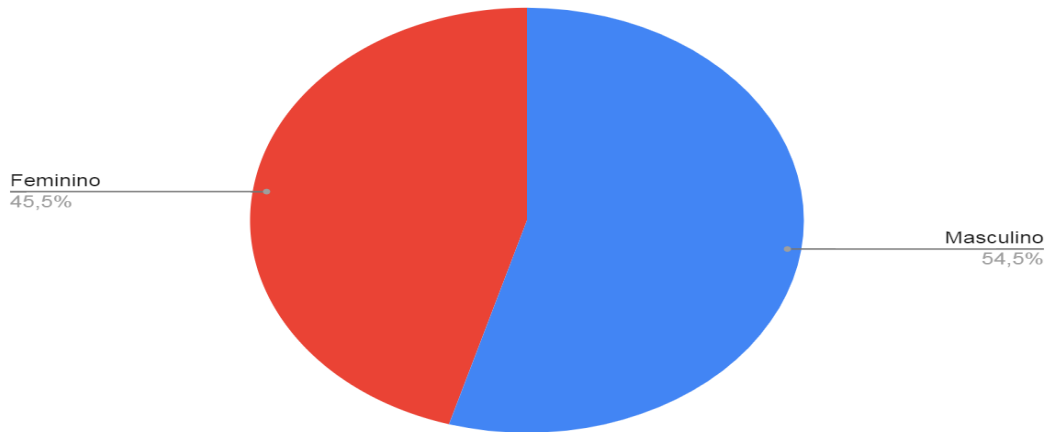
### 3.1 DISCUSSÃO DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS AOS AGRICULTORES DO PRÉ ASSENTAMENTO EMILIANO ZAPATA

Conforme já comentado na introdução do trabalho, foram realizados alguns questionários para identificar características da produção realizada pelos assentados do Emiliano Zapata e identificar como essa produção pode contribuir para a soberania alimentar. De início buscou-se identificar gênero e faixa etária dos participantes. Das respostas apresentadas, 45,5% foram do gênero feminino e 54,5% do gênero masculino (Gráfico 1). A faixa etária se apresentou bem dividida, com 18,2% entre 25 a 34 anos, 27,3% entre 35 a 44 anos, 27,3% entre 45 a 54 anos e 18,2% de 65 anos ou mais.



Gráfico 1: Gênero dos agricultores entrevistados

## Contagem de Gênero

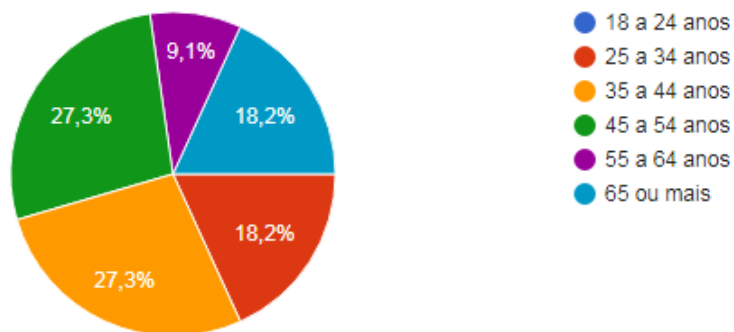


Fonte: De autoria própria

Gráfico 2: Idade dos agricultores entrevistados

## Idade

11 respostas



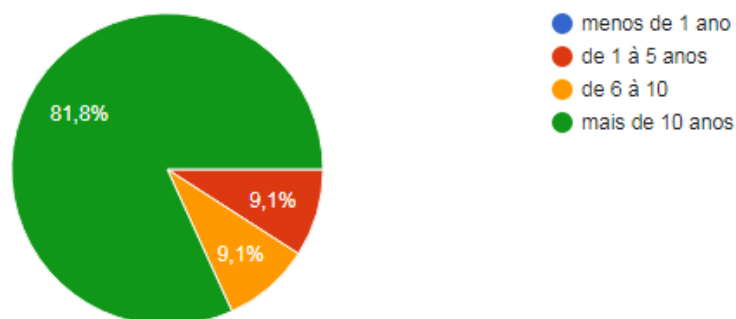
Fonte: De autoria própria

Sobre o tempo em que trabalham com a agroecologia, 81,8% está nessa atividade a mais de 10 anos, isso demonstra que possuem autoridade para falar sobre o assunto, vale lembrar que a agroecologia é uma forma de agricultura que tem como um dos seus principais pilares a valorização e respeito dos conhecimentos tradicionais dos agricultores e das comunidades, pois estes conhecem os locais onde moram, características do clima, do solo, etc.

Gráfico 3: Tempo de atuação como agricultor agroecológico

Há quanto tempo trabalha como agricultor(a) agroecológico?

11 respostas



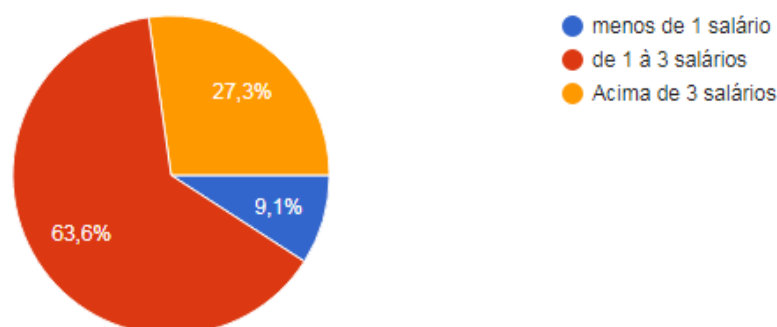
Fonte: De autoria própria

Quanto à renda proveniente da produção agroecológica, a maioria indicou que recebe entre 1 e 3 salários mínimos. 27,3% recebem acima de 3 salários mínimos e apenas 9,1% recebe menos de 1 salário mínimo.

Gráfico 4: Renda proveniente da produção agroecológica

Qual sua renda proveniente da produção agroecológica?

11 respostas



Fonte: De autoria própria

Os agricultores foram questionados sobre o tipo de alimentos produzidos em suas unidades de maneira agroecológica e as respostas estão presentes no Quadro 2. É possível, através das respostas, analisar que a produção agroecológica está

realmente atendendo princípios da soberania alimentar, ao produzir de fato produtos que se destinam à alimentação.

Estão presentes nessas hortas alimentos como o feijão e arroz, base da alimentação brasileira, além de frutas e verduras que compõem uma alimentação de qualidade e uma produção de alimentos bastante diversificada. Segundo Altieri (2010, p.25), os sistemas de agricultura diversificados resultam em uma produção total maior que nas monoculturas, ainda conforme o autor, isso serve como uma espécie de seguro para os agricultores enfrentarem a mudança ambiental ou necessidades econômicas e sociais futuras

Quadro 2: Tipos de alimentos agroecológicos produzidos

<b>Quais alimentos são produzidos na sua propriedade de maneira agroecológica?</b>
Batata, aipim, feijão, legumes, frutas etc.
Hortaliças, tubérculos e frutas.
Hortaliças, legumes, verduras e frutas
Feijão, milho, batata, batata doce, mandioca, alface, repolho, berinjela, abóbora, abobrinha, frutas, leite e derivados, carne, ovos.
Hortaliças, mandioca, feijão, abobrinha, o básico pra viver
Hortaliças, feijão.
Hortaliças
Feijão, milho, hortaliças, arroz.
Hortaliças, mandioca batata doce, feijão, etc
Hortaliças .legumes verduras em geral e algumas ,frutas ex melancia laranja limão pocam pesego figo
Hortalicas raízes frutas

Fonte: De autoria própria

No Gráfico 5, estão apresentados os dados referente ao percentual da produção realizada pelos entrevistados que é destinada ao consumo próprio, onde 63,6% afirmaram que consome menos de 20% de sua produção. Ou seja, 20% do que produzem é destinado ao autoconsumo e o excedente é destinado para a comercialização. A soberania alimentar se faz presente quando os agricultores entrevistados que se utilizam da produção, em primeiro lugar para a subsistência e em segundo lugar para a comercialização.

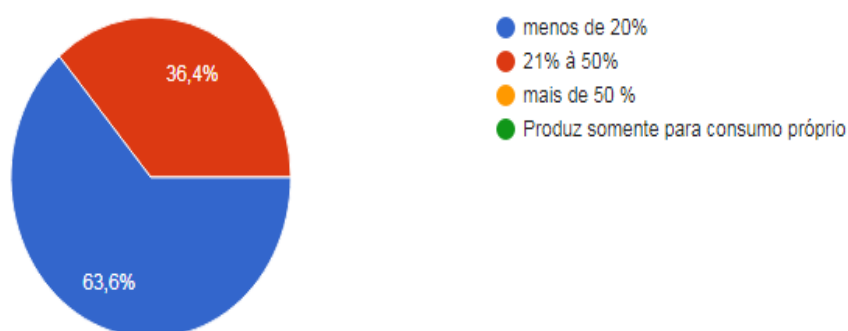
A busca pela subsistência, vinda de sua própria produção de alimentos, faz com que os agricultores não dependam do mercado para seu consumo, além de

contribuir para uma alimentação de qualidade e sem veneno. De acordo com Hoyos e Agostini (2017, p 192), a Soberania Alimentar tem como prioridade a produção para o autoconsumo e para a comercialização no mercado local.

Gráfico 5: Percentual da produção que os agricultores entrevistados consomem

Qual percentual você consome de sua produção?

11 respostas



Fonte: De autoria própria

Tendo visto que a maioria dos produtores consome menos de 20% de sua produção e que o restante é comercializado, a resposta sobre como esses produtos são comercializados complementa essa análise. As respostas apontaram que os produtores se utilizam de várias formas para a comercialização dos produtos, mas as principais negociações, as que envolvem a maioria da produção, estão relacionadas com a cooperativa dos produtores COOPERAS.

As vendas realizadas para programas governamentais, como o Feira Verde e PNAE também são realizadas pelos produtores, seja através da cooperativa ou diretamente pelo produtor em alguns casos. Essas políticas públicas, ofertadas pelo governo contribuem para a ampliação da oferta de alimentos e cria medidas de acesso a esses alimentos para a população mais vulnerável (DE MOURA; DE SOUZA; CANAVESI, 2016).

Outras formas de comercialização são as vendas porta a porta, onde a maioria das negociações são tratadas por grupos de mensagens ou diretamente na relação produtor x consumidor. Esse tipo de comercialização aproxima o consumidor do

produtor, onde o primeiro tem a possibilidade de conhecer quem está produzindo os alimentos que ele levará para dentro da sua residência e utilizará na sua alimentação. Faz também com que o segundo, possa conhecer seu público e suas demandas, podendo inclusive perceber os padrões de consumo e ajustar sua produção para melhor atender seus clientes.

Quadro 3: Relato dos entrevistados sobre resistência à agroecologia no pré-assentamento

<b>Existe resistência à agroecologia no pré-assentamento? Por que?</b>
Sim, por falta de incentivo público principalmente.
A maior parte da área é mantida com produção de grãos convencional.
Sim ainda e um mercado limitado de vendas então e feito tbm o plantio convencional de grãos
Já fomos 100% agroecológicos porém foi recuando por falta de tecnologia para produção de grãos. As hortas são 100% agroecológicas ou com orgânico. O problema da agroecologia é produzir em escala
Não tem resistência, maior parte do assentamento está no PNAE e para o programa eles produzem agroecologicamente.
Não. as pessoas já iniciaram o assentamento com a agroecologia mas com o tempo as famílias foram migrando, começando a plantar somente a horta agroecológica e milho e grãos convencional.
Tem. Quem está a mais anos aqui se mantém. Quem sobrevive aqui muitas vezes precisa trabalhar fora para compensar o período sem receber. Porque você planta e precisa esperar o período para colher.
Não. A maioria produz agroecológico para merenda escolar.
Sim, mas não sei dizer o motivo.
Sim , por não conseguirmos avançar na produção de grãos no modo fetal E com isso também aumenta a ociosidade do território Aqui temos 9 equitares e precisamos ocupar o todo do território
Sim existe

Fonte: De autoria própria 2023

Na comunidade, além da produção agroecológica, existe também a produção de maneira convencional, como já citado anteriormente. O entrevistado E2 aponta que a maior área da sua produção está destinada à agricultura convencional, principalmente para o cultivo de grãos. E as resistências apontadas pelos agricultores também estão relacionadas com a dificuldade da produção de tecnologia adequada, no que se refere a grãos.

Uma das respostas relembra o fato que no seu início o pré-assentamento já foi 100% agroecológico e hoje em dia não é mais dessa maneira, importante ressaltar às

alegações que apontam para a produção agroecológica ser das hortas e que a maioria do pré-assentamento faz parte do PNAE.

A falta de programas institucionais que contribuam para a produção e comercialização, bem como a falta de incentivo com insumos e tecnologias adequadas são exemplos de motivos para que alguns agricultores não se utilizem da agroecologia na sua produção, conforme relatos dos entrevistados. “Não existe soberania alimentar sem soberania política, que possibilite à nação condições de efetivar políticas que propiciem independência na produção, transformação, distribuição e consumo de alimentos” (SILVA, 2020)

Outra questão está relacionada com a mão de obra, ou seja, o trabalho braçal necessário para a limpeza e manutenção das hortas, como afirmou o entrevistado E9 “Porque o convencional é mais fácil de produzir. Planta, coloca veneno e colhe, não tem tanto trabalho. ”

Altieri e Nicholls (2020) analisam que a agroecologia tem potencial para produção local de grande parte dos alimentos para a soberania das comunidades, mas que é necessário apoio para sua ampliação, a fim de melhorar as capacidades produtivas dos agricultores.

Quadro 4: Relato dos entrevistados sobre quem não utiliza a agroecologia na produção

<b>Por que você acha que várias pessoas não utilizam a agroecologia para sua produção?</b>
Principalmente por falta de programas institucionais que viabilizem a comercialização da produção.
Falta incentivo, insumos, tecnologia apropriada. Precisa de política pública que ampare essa produção.
Falta de mercado mais trabalhoso só com a agroecologia não tem a renda necessário pra suprir todas as necessidades
muita gente se limita a não produzir de maneira agroecológica por falta de políticas públicas, de compenção do estado. Muitos produzem por consciência em escala menor
Dois fatores: mão de obra porque ano a ano vai perdendo força de trabalho e falta de incentivo do governo. Os insumos são caros, o esterco subiu demais
Falta de mão de obra e pouco incentivo. Quando se tem um produto para trabalhar com agroecologia é muito caro. As famílias migram para o convencional porque não tem condição só com a agroecologia.
Pela falta de implemento agrícola. As pragas que tem demais você não vence carpir, tem que ter plantação convencional também pra produzir.
Porque a forma de trabalhar com a terra você não vence. É muita coisa pra carpir e o insumo também é muito caro e difícil de conseguir pra comprar.
Porque o convencional é mais fácil de produzir. Planta, coloca veneno e colhe, não tem tanto trabalho.

Por falta de mão de obra e tecnologia adequada que somente a resposta econômica e produtiva
Acho que tem vários motivos um deles é falta de tecnologia direcionada pra esse modelo de produção

Fonte: De autoria própria 2023

Outra questão buscava identificar qual a aceitação dos produtos comercializados, “Como é a recepção dos consumidores em relação aos seus produtos? ”.

Todas as respostas apontavam para uma ótima aceitação por parte dos consumidores. Como na resposta do E5 “Maioria tem uma boa aceitação. Nosso produto chega fresco, colhe no dia para entregar no outro dia. Chegam produtos de boa qualidade”. Essa boa aceitação está relacionada com a qualidade dos produtos produzidos de maneira natural, e entregues frescos para o consumo no município ou na região.

Para soberania alimentar, a liberdade dos povos definirem o que vão produzir é muito importante, afinal ser soberano nesse sentido indica respeitar os direitos dos povos de decidir suas próprias formas de produção, distribuição e consumo dos alimentos e que isso esteja relacionado com uma alimentação de qualidade, respeitando as culturas desses povos e de cada região.

Essa pesquisa buscou também identificar se isso de fato acontece no pré-assentamento e conforme as respostas presentes no Quadro 5, os produtores têm essa autonomia para definir quais alimentos irão produzir, inclusive considerando o clima e época do ano. No agronegócio, a produção não costuma respeitar os tempos da natureza e se utilizam de sementes geneticamente modificadas que se adaptam a várias épocas do ano e de agrotóxicos para acelerar a produção. Conforme Fernandes (2019, p.203), o agronegócio, através da revolução verde separou a comida da cultura e a vinculou ao negócio, ou seja, o alimento passa a ser uma mercadoria. O autor ainda aponta para o fato de que as "experiências agroecológicas reconectaram a cultura, a comida, a natureza e a comunidade" (FERNANDES 2019, P.203)

Quadro 5: Relato dos entrevistados sobre quem decide o que produzir

<b>Você decide sobre o que produzir e o que comercializar? Existe alguém que influencia esses fatores?</b>
Sim, adaptação e preço dos produtos para o comércio e diversidade para o consumo familiar.
Sim eu que decido o que produzir relativo a clima e época do ano.

Atendemos a demanda dos projetos e tudo que e diferenciado e plantado pra venda direta pra atrair mais consumidores
Basicamente a influência vem do consumidor ou do PAA, PNAE, FEIRA VERDE. Ai o que gostamos de consumir produzimos
Quando vai fazer um projeto eu digo os alimentos que produzo. Não tem cabresto. É livre pra família decidir.
Nós decidimos. Não aceitamos que ninguém dia o que devemos plantar.
Nós decidimos. Ai vende pra cooperativa. Você escolhe dentro da relação que a cooperativa tem de produtos e planta.
Nós mesmo decidimos. Escolhemos o que vai produzir melhor e plantamos.
Nós definimos. Mando uma lista para a cooperativa e eles definem o que compram. O ques está fora do certificado não vende na cooperativa
Eu decido baseado em 3 pontos 1 oque eu goste de comer 2 oque a terra já consegue me doar com qualidade sem precisar pressionar 3 oque o mercado pede com mais facilidade
Tem técnicos voluntários que nos ajudaram

Fonte: De autoria própria 2023

Com relação às dificuldades que enfrentam referente à produção e a comercialização dos produtos agroecológicos, as respostas apresentadas no Quadro 6, retratam que a comercialização dos produtos em si, é boa e os produtores não têm grandes dificuldades. As situações que se apresentam desfavoráveis são relacionadas à falta de apoio governamental, através de políticas públicas, por exemplo. Além disso, questões relacionadas à compra de esterco para a plantação, que segundo relatos é difícil de encontrar e o preço é muito elevado, bem como o preço das mudas. Também a falta de um maquinário adequado para trabalhar nas hortas, como não utilizam nenhum agrotóxico na plantação agroecológica, dependem exclusivamente de sua mão de obra para o preparo e manutenção das mesmas.

Quadro 6: Dificuldades enfrentadas pelos agricultores na produção e comercialização

<b>Quais as maiores dificuldades que enfrenta em relação a produção/comercialização?</b>
Insentivo de políticas públicas.
Falta mecanização, estrutura apropriada.
Ultimamente maior problema tá sendo o preço de mudas e sementes e a exigência da certificação orgânica está nos exigindo fazer as próprias mudas que no momento e inviável somos produtores de verduras na sua maioria não de mudas mal temos tempo de plantar as mudas e cuidar de todo ciclo tá bem complicado no mas o mercado e limitado mas ainda tem saída dos produtos
Produção- tecnologia se limita a ter renda pequena porque não consegue ampliar a produção. É



mais rentável a agroecologia que a produção de grãos para a agroecologia
O comércio pode melhorar mas está bom. Quanto a produção, o esterco é uma questão, pois as vezes consegue, as vezes não.
Nossa maior dificuldade não é a venda. É de pessoas que divulguem e que ajudem a expandir. Falta mais projetos para ajudar na comercialização e produção.
Para produção os implementos, manejo esterco que é caro. Pra comercialização é tranquilo
Pra produção é insumos e mão de obra. Pra comercialização é tranquilo, as pessoas geralmente procuram bastante.
Pra produção o esterco é caro. A comercialização não é ruim
Na produção são as questões de insumos que possam ser usados que não contaminem a planta e garanta boa produtividade
A nossa maior dificuldade é com o transporte

Fonte: De autoria própria 2023

Partindo para o final da entrevista, o questionamento presente no Quadro 7, buscava verificar se os entrevistados tinham conhecimento sobre soberania alimentar, se já tiveram contato com esse termo e o que entendiam por ele. Na prática, mediante resultados já analisados, percebe-se que a Soberania Alimentar está presente na comunidade, porém, nesse ponto, através das respostas pode-se fazer uma análise sobre o entendimento que os agricultores têm sobre esse assunto, para identificar se está próximo do que se compreende do tema.

Algumas respostas apontarem para um não conhecimento sobre o tema acende um alerta de que a questão precisa ser melhor trabalhada com os agricultores, para poderem exercer ainda melhor seu papel. Porém, dentro das demais respostas, a análise feita é de que os produtores, em sua maioria, têm conhecimento sobre o tema e sobre a importância deste com relação à alimentação da população. Como na resposta que afirma que é “não é só para encher a barriga, mas que seja comida que alimente nosso corpo”. Além disso, o entrevistado E10 aponta algumas características importantes ao relatar que:

Sim é fundamental para garantia da liberdade de um povo a soberania alimentar. Poder escolher e experimentar. Não temer a fome e nem a escassez. Além de poder ajudar a combater a fome e discutir a questão da importância do alimento pra além do mercado Só se pode ter um povo soberano se o sequeiro do povo estiver abundante.E10

O entendimento que os agricultores demonstraram é um indicativo de que a soberania alimentar está sendo praticada no pré-assentamento e que com mais

incentivo e com mais conhecimento pode ser certamente ampliada e cada vez mais contribuir com o município. Para Costa (2021, p. 709):

O desenvolvimento do conceito de soberania alimentar faz-se necessário já que é um conceito de relevância histórica fundamental para a classe trabalhadora, mas também para o processo civilizatório assentado em outras bases e relações sociais.

Quadro 7: Relato dos entrevistados sobre Soberania Alimentar

<b>E Soberania Alimentar, já ouviu falar? Caso sim, o que você entende por Soberania alimentar?</b>
- Autonomia de um povo decidir sobre o que e como produzir e se alimentar basicamente.
- Produção do próprio alimento e não depender do mercado externo.
- Todos terem direito a uma alimentação saudável segura
- É você ter garantido tudo que você precisa, não só pra encher a barriga mas que seja comida que alimente nosso corpo e garantir saúde para quem consome. É uma política pública para garantir o direito de todo mundo comer
- Esse é bem trabalhado. É um trabalho pra família, não pensar só em mercado e esquecer que você tem que comer um bom alimento, tem que ser produto bom, tem que ter qualidade
- Igualdade para todos. Não tem como eu comer feijão e arroz e outras pessoas comer capim. Em qualquer questão o principal é a igualdade.
- Já ouvi falar mas não entendo muito bem.
- Já ouvi falar mas não conheço.
- Já ouvi falar mas não entendo muito
- Sim é fundamental para garantia da liberdade de um povo a soberania alimentar Poder escolher e experimentar Não temer a fome e nem a escassez Além de poder ajudar a combater a fome e discutir a questão da importância do alimento pra além do mercado Só se pode ter um povo soberano se o sequeiro do povo estiver abundante
- E quando temos acesso a toda alimentação que precisamos

Fonte: De autoria própria 2023

Tendo a resposta sobre a compreensão acerca da soberania alimentar, foram também questionados se consideravam que a Agroecologia produzida no pré-assentamento contribuía para a Soberania alimentar no município e por qual motivo, as respostas mostram que os agricultores consideram que sua produção agroecológica contribui para a Soberania Alimentar do município de Ponta Grossa.

Nas respostas, se apresentam ideias que vem de encontro com os conceitos da Soberania Alimentar, como apresentado abaixo, nas respostas que ligaram a produção de alimentos com a distribuição para a merenda escolar, como na resposta

do entrevistado 4 que afirma que a produção realizada na comunidade tem “potencial de produzir merenda escolar para metade da alimentação escolar de Ponta Grossa” (E4).

Outras respostas apontam para a produção de alimentos saudáveis e que esses produtos são parte da alimentação do município onde são produzidos e contribuem também para a alimentação de pessoas mais necessitadas, seja através das doações, como apontou o entrevistado 3, ou através do programa Feira Verde do município, como respondeu o entrevistado 1, programa esse que auxilia na alimentação de famílias de baixa renda ao trocar lixo reciclável por alimentos.

Quadro 8: Relato dos pesquisados sobre a contribuição da agroecologia do pré-assentamento para a Soberania Alimentar

<b>Você considera que a Agroecologia produzida no Pré-assentamento pode contribuir para a Soberania Alimentar no município de Ponta Grossa? Por qual motivo?</b>
Com toda a certeza. Porque as pessoas poderão optar por uma alimentação saudável e limpa, além de contribuir muito com o fornecimento de produtos para o programa feira verde do município de Ponta Grossa.
Sim . São produzido dentro do município
Sim estamos sempre fazendo doação de alimentos tanto as doações questão feitas por meio da comunidade e tbm as particulares
Tranquilamente a comunidade tem potencial de produzir merenda escolar para metade da alimentação escolar de Ponta Grossa pelo que os produtores produzem
Sim e contirbui porque esses produto vai pra escola. Entregamos direto para criança comer. Quem consome o produto é o futuro do dia de amanhã.
Sim. Já está contribuindo porque nossos produtos são bons e são destinados para famílias que precisam. A maioria é destinada para merenda escolar e está matando a fome das crianças.
Sim
Não sei responder.
Ajuda bastante poque o produto que a gente planta é consumido pelo povo da cidade
Sim pela qualidade e quantidade e também pela organicosade institucional desenvolvida por meio de nossa cooperativa
Com certeza

Fonte: De autoria própria 2023

Por fim, a última pergunta (Quadro 9) estava relacionada com o MST como organização, não somente em relação ao pré-assentamento analisado, mas procurando compreender se os entrevistados percebem a contribuição do movimento para o desenvolvimento da Agroecologia e da Soberania Alimentar. A agroecologia foi

citada como bandeira do movimento nos assentamentos, e que através dela o movimento luta pela reforma agrária através da produção de alimentos.

A ocupação de terras improdutivas e irregulares, foi também apresentada como uma forma que o movimento utiliza para chamar a atenção para a desigualdade na distribuição de terras. Além disso, o MST foi identificado como auxiliador na disseminação da agroecologia através da formação dos agricultores.

Apesar de grande parte acreditar que o movimento auxilia diretamente, alguns acreditam que ainda pode melhorar, ao afirmarem que só participam de palestras e cursos, mas que além da teoria, precisam de apoio, na prática, no dia a dia onde as dificuldades se apresentam.

Quadro 9: Contribuição do MST para a Agroecologia e Soberania Alimentar

<b>Como o MST contribui para o desenvolvimento da Agroecologia e da Soberania Alimentar?</b>
Ocupando terras improdutivas ou irregulares como, trabalho escravo, degradação ambiental ou algo assim e distribuindo para que produtores possamos fazer o uso correto produzindo alimentos saudáveis, respeitando a biodiversidade e oferecendo oportunidade para os pobres e explorados pela classe dominante. Reforma Agrária, por justiça
Tornou a agroecologia como bandeira de luta e prioridade nas áreas ocupadas e nós assentamento.
Terra e pra quem quer trabalhar na terra então foi a força de vontade das famílias de querer melhorar e dar um mundo melhor aos filhos o movimento de uma forma social abriu as portas para conseguirmos projetos pra trazer renda para as famílias e a formação da consciência ecológica das famílias foi um incentivo maior, na inserção das famílias por meio de trazer para dentro política públicas que são direito nossa mas muitos não tinham acesso.
É uma das linhas do movimento desde 2000. Atraves de encontro de agroecologia, conscientização interna das famílias.
Tem um papel fundamental, porque nosa da agricultura, a maioria da comida sai de nós. O grande não produz um pé de couve ou salsinha, quer produzir comodities. O MST tem uma grande produção de arroz orgânico. Sem ele não estaria pensando em agroecologia e soberania alimentar. E se estamos aqui é pelo movimento.
Até hoje não vi muita coisa. Tem muita palestra, curso mas não adianta só estudar e na prática tem que ser só o agricultor. Através do movimento aprendemos mais na teoria.
MST contirbui porque ajuda na reforma agrária. Enquanto um fazendeiro só produz pra exportação, o MST coloca várias famílias para produzir alimento. Hoje tem 50 famílias aqui produzindo alimentos.
o MST sói da palestra. Acho que tem que ter mais acompanhamento, ajudar na produção.
Reunião com o povo explicando que nossa luta tem que ser mais no orgânico e com agroecologia. Se você ocupa a terra e vai plantar no convencional então deixe para os fazendeiros.
Formando nossos agricultores e agricultoras para além do espaço unitário com as redes de agroecologia Podemos conectar todos os nossos espaços em um belo qualificado e amplo debate de produção
Organizando as famílias na produção

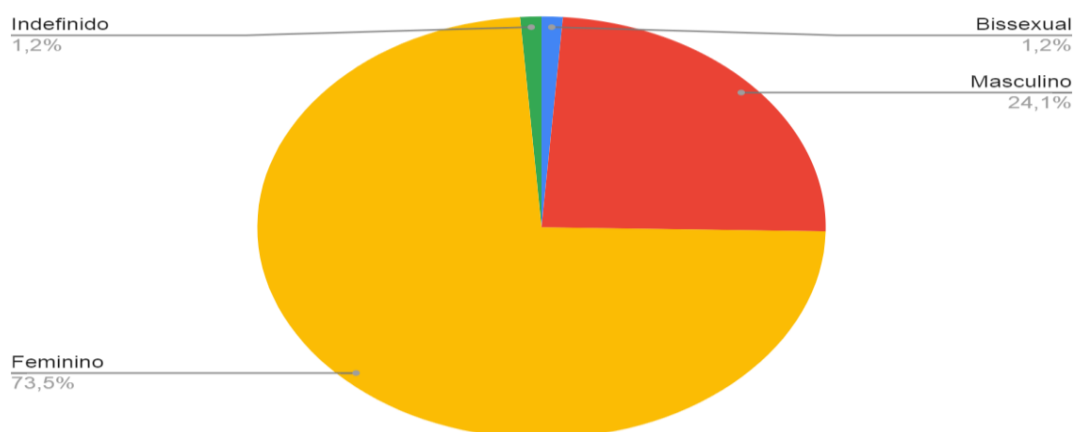
Fonte: De autoria própria 2023

### 3.2 DISCUSSÃO DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS À COMUNIDADE EXTERNA

Além de saber a opinião dos integrantes do pré-assentamento, buscou-se também um levantamento sobre a opinião que a comunidade nos temas, Soberania Alimentar, Agroecologia e o pré-assentamento Emiliano Zapata, para tal, foram elaboradas algumas perguntas que visavam identificar essas opiniões.

No questionário repassado para a comunidade geral, as 3 primeiras perguntas procuraram identificar dados como idade, gênero e qual a área de residência dos participantes. Como está apresentado no Gráfico 6, a faixa etária foi de 16 a 69 anos, dividido em uma porcentagem de 24% que se declararam como gênero masculino, 73,5% gênero feminino e 1,2% bissexual e 1,2% Indefinido.

Gráfico 6: Gênero dos participantes da pesquisa

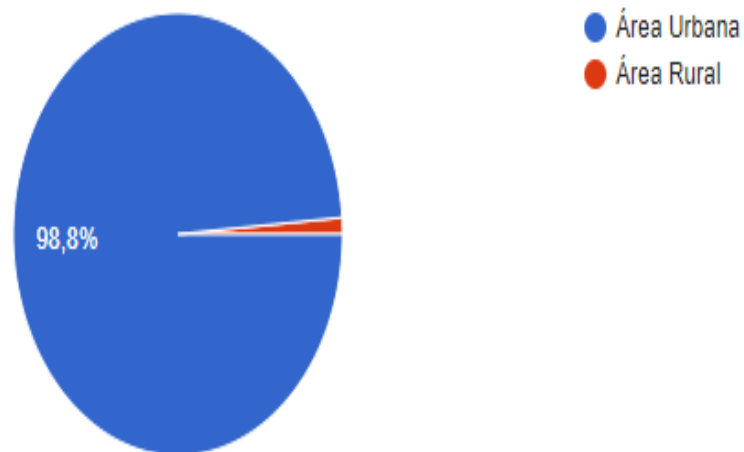


Fonte: De autoria própria 2023

Dessa população, a grande maioria 98,8% se declarou moradora de área urbana, conforme apontado no Gráfico 7. A participação da quase totalidade de moradores da área urbana, é algo que contribui muito para a análise esperada no trabalho, visto que são os maiores consumidores de produtos de gêneros produzidos por agricultores familiares.

Gráfico 7: Residência dos participantes da pesquisa

83 respostas



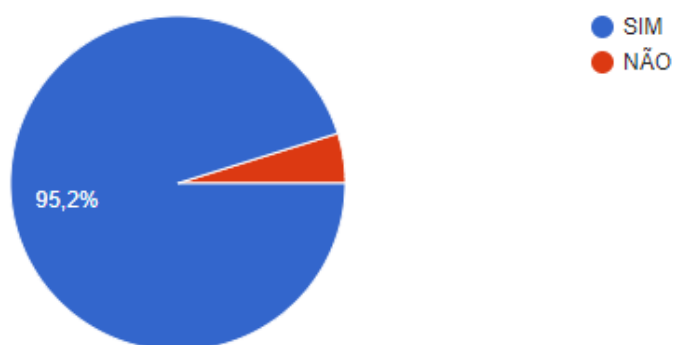
Fonte: De autoria própria

Na sequência foi questionado se as pessoas participantes costumavam se alimentar de frutas e verduras, e também onde costumavam comprar esse tipo de produto. Essas perguntas servem como base de análise para identificar o padrão de consumo dos participantes, para posteriormente poder abordar questões mais específicas. 95,2%, representando 79 questionários apontaram que costumam se alimentar desse tipo de alimento.

Gráfico 8: Relato dos entrevistados sobre alimentação

**VOCÊ COSTUMA SE ALIMENTAR DE FRUTAS E VERDURAS?**

83 respostas



Fonte: De autoria própria

A grande maioria também respondeu que costuma comprar esse tipo de produto em supermercados (Gráfico 9), 13 pessoas responderam que costumam comprar em feiras e somente 3 apontaram que compram frutas e verduras direto do produtor.

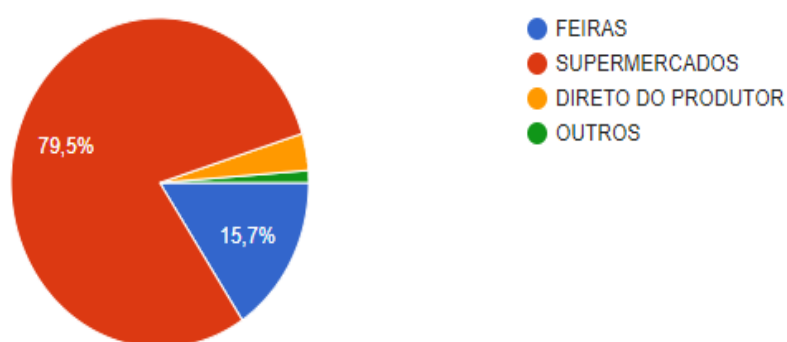
É necessário a elaboração de políticas públicas que contribuam para a maior disseminação de mercados populares, feiras e outras estratégias que permitam que mais consumidores tenham acesso aos produtos agroecológicos e conheçam os produtores para ter acesso à origem dos alimentos.

De acordo com Hoyos e Agostini (2017, p.186) no Fórum Mundial de Soberania Alimentar em 2007, com relação ao consumo, os consumidores devem conhecer a origem, como os alimentos são produzidos e ter a possibilidade de decidir de quem e quais produtos querem comprar, bem como ter acesso a alimentos nutritivos e culturalmente adequados.

Gráfico 9: Locais de compra de frutas e verduras

**ONDE COSTUMA COMPRAR ESSE TIPO DE ALIMENTO?**

83 respostas



Fonte: De autoria própria

Foram também questionados sobre quais as vantagens que consideram em consumir produtos saudáveis, sem a utilização de veneno na produção. As respostas foram as mais variadas, porém apontam para uma mesma direção, a preocupação com a saúde e com o meio ambiente.

Para o entrevistado E5:

A ingestão de frutas, verduras e legumes nas minhas refeições são consumidas com o objetivo de fortalecer meu corpo, nutri-lo com alimentos saudáveis, que fazem bem. Quando o alimento vem transbordando agrotóxicos/ veneno é perceptível, pois até o sabor mudar e o cheiro do alimento muda. Acredito que se para espalhar pela plantação os responsáveis usam muitos equipamentos de segurança, o que isso não pode fazer no meu organismo? A principal vantagem é manter o corpo livre de substâncias que não são indicadas para os seres humanos E5

A crescente preocupação com a saúde do corpo e a ingestão de produtos saudáveis, contribui para o desenvolvimento de formas de cultivo que priorizem esse tipo de produção, quando a população começa a consumir e buscar esses produtos, mais agricultores migram para esse tipo de agricultura. A preocupação com a qualidade de vida foi também o que relatou o E72:



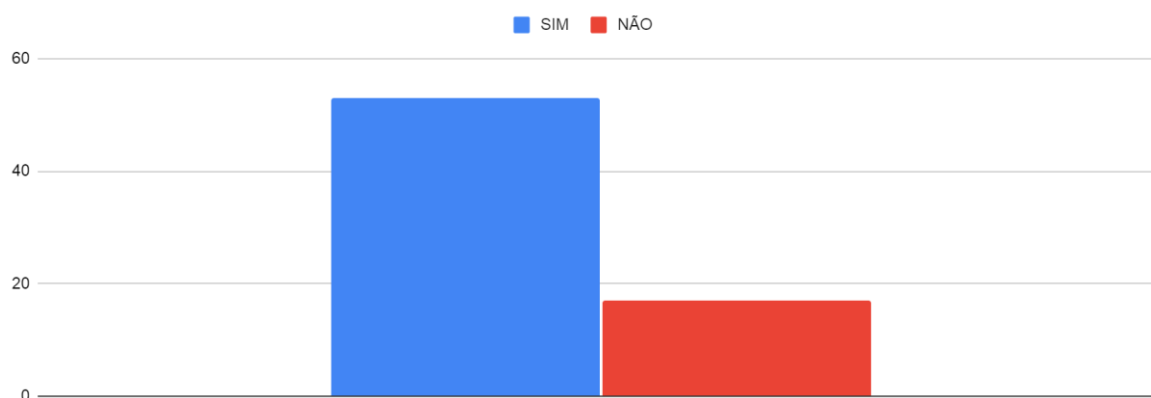
Isso impacta diretamente na qualidade de vida, principalmente se tratando de produtos livre de agrotóxicos, atualmente o Brasil tem uma péssima política para lidar com agrotóxicos nocivos a população graças a um governo incompetente que faz lobby com fabricas de fertilizantes que produzem agrotóxicos exclusivamente para o Brasil, pois no resto do mundo são proibidos por causa dos danos que geram a saúde. E72

Houve também quem discordasse da questão, como para o E32, para ele “Seria o Ideal se fosse viável à toda população, sem grandes produções é impossível o alimento chegar a todas as pessoas, e grandes produções precisam de agrotóxicos”, esse ponto de vista está relacionado com os conceitos do agronegócio e com a imagem que esse passa para a população, principalmente quando vende uma falsa ideia de que é o agronegócio que alimenta o país. As commodities são, em sua maioria, destinadas à exportação, pois se trata de mercadorias e também são utilizadas na indústria de ultraprocessados. Os alimentos de verdade, que ingerimos no dia a dia, feijão, arroz, hortaliças, frutas e legumes são em sua maioria produzidos por agricultores familiares, por exemplo.

A pergunta seguinte foi “Na sua opinião, comprar alimentos que são produzidos próximos a sua residência interfere no preço de venda do produto? Por qual motivo?” Dividindo as respostas em duas categorias, uma das que consideram que interfere e outra de pessoas que não consideram que interfere no preço de venda, resulta em uma maioria de pessoas que acredita que sim, comprar alimentos produzidos próximos a sua residência terão uma diferenciação no preço. Dentre os motivos relatados estão questões relacionadas ao frete, o estímulo do comércio local e a oportunidade de poder conhecer a procedência dos produtos.

Gráfico 10: Opinião dos entrevistados sobre preço de produtos produzidos próximos a sua residência

NA SUA OPINIÃO, COMPRAR ALIMENTOS QUE SÃO PRODUZIDOS PRÓXIMOS À SUA RESIDÊNCIA INTÉRFERE NO PREÇO DE VENDA DO PRODUTO? POR QUAL MOTIVO?



Fonte: De autoria própria

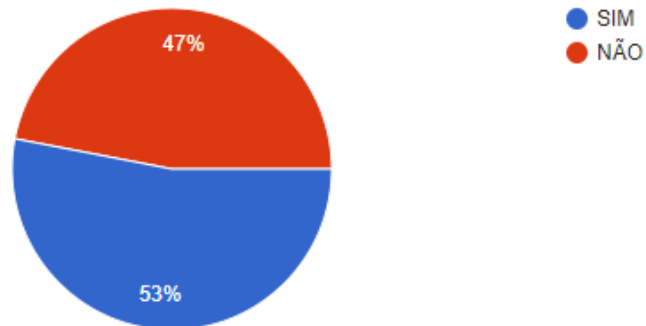
Alimentos produzidos próximos às cidades, como os alimentos do pré-assentamento Emiliano Zapata, além da possibilidade de adquiri-los frescos, o preço geralmente costuma ser mais acessível, pois não depende de longas viagens com altos custos de frete, além disso, a proximidade da produção elimina os intermediários que também jogam margens de lucro em cima do produto, como nos supermercados e essa eliminação dos atravessadores acaba fazendo com que ocorra uma relação economicamente mais vantajosa e socialmente mais benéfica, importante ressaltar que a agroecologia preza por uma economia justa.

Foi questionado se os participantes da pesquisa tinham conhecimento sobre o fato do MST produzir alimentos agroecológicos. Das respostas, 39 pessoas, representando 47% respondeu que não tinham conhecimento, e 44 pessoas, totalizando 53% respondeu que sim, sabiam que o MST produz esse tipo de alimento. Nesse ponto as respostas foram bastante equilibradas, o que aponta que apesar de a produção agroecológica estar presente na comunidade há algum tempo, ainda se faz necessário uma maior conscientização da população, para que a porcentagem de pessoas que conhecem a agroecologia e tenham conhecimento de que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é grande produtor e um dos movimentos sociais mais importantes para a busca dessa produção.

Gráfico 11: Produção agroecológica do MST

**VOCÊ SABIA QUE O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA É PRODUTOR DE ALIMENTOS AGROECOLÓGICOS (sem a utilização de veneno)?**

83 respostas



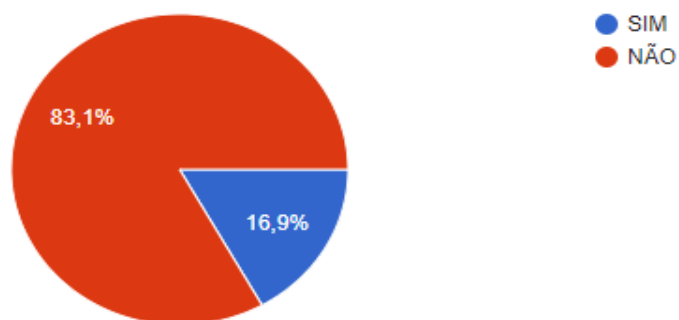
Fonte: De autoria própria

Outras duas perguntas estavam relacionadas com a alimentação escolar, “Possui filho em idade escolar que frequenta escola pública?” e “Você sabia que parte dos alimentos que são servidos na merenda escolar nas escolas públicas vem da agricultura familiar? e que parte dessa produção é feita em assentamentos e acampamentos do MST?”.

Gráfico 12: Filhos em idade escolar

**POSSUI FILHO EM IDADE ESCOLAR QUE FREQUENTA ESCOLA PÚBLICA?**

83 respostas



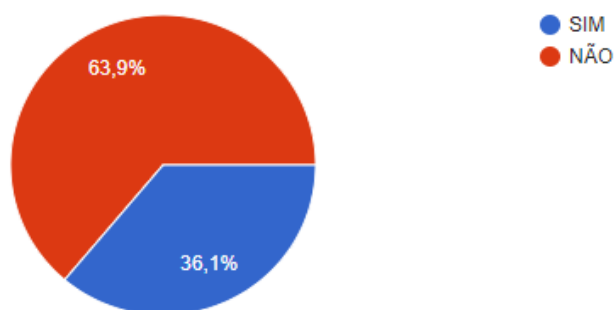
Fonte: De autoria própria

A maioria das respostas afirmava não possuir filhos em idade escolar frequentando a escola pública Gráfico 12. Hoje em dia, a maioria da produção agroecológica realizada no Emiliano Zapata é destinada à merenda escolar no município. Além de levar alimento de qualidade para a merenda das crianças, essa produção contribui para a Soberania Alimentar do município.

Gráfico 13: Alimentos para merenda escolar

**VOCÊ SABIA QUE PARTE DOS ALIMENTOS QUE SÃO SERVIDOS NA MERENDA ESCOLAR NAS ESCOLAS PÚBLICAS VEM DA AGRICULTURA FAMILIAR? E QUE PARTE DESSA PRODUÇÃO É FEITA EM ASSENTAMENTOS E ACAMPAMENTOS DO MST?**

83 respostas



Fonte: de autoria própria

As respostas de 63,9% dos participantes foram que não tinham conhecimento sobre o fato de o MST produzir alimentação para a merenda escolar. A lei 11947 de 16 de junho de 2009 traz que 30% das compras de gêneros alimentícios deve ser oriunda da agricultura familiar, do empreendedor rural ou suas organizações e prioriza a compra de assentamentos da reforma agrária, comunidades indígenas e quilombolas. Trata-se de uma forma de contribuir com o desenvolvimento dessas comunidades, além de estar adquirindo alimentos saudáveis e de qualidade para a merenda escolar.

Dentro do PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), a palavra Soberania Alimentar não aparece, porém, suas ideias estão contidas nas diretrizes do programa como apresentado abaixo:

Resolução/CD/FNDE nº 26, de 17 de junho de 2013

Art. 2º São diretrizes da Alimentação Escolar:

I – o emprego da alimentação saudável e adequada, compreendendo o uso de alimentos variados, seguros, que respeitem a cultura, as tradições e os hábitos alimentares saudáveis, contribuindo para o crescimento e o desenvolvimento dos alunos e para a melhoria do rendimento escolar, em conformidade com a sua faixa etária e seu estado de saúde, inclusive dos que necessitam de atenção específica;

V – o apoio ao desenvolvimento sustentável, com incentivos para a aquisição de gêneros alimentícios diversificados, produzidos em âmbito local e preferencialmente pela agricultura familiar e pelos empreendedores familiares rurais, priorizando as comunidades tradicionais indígenas e de remanescentes de quilombos; e

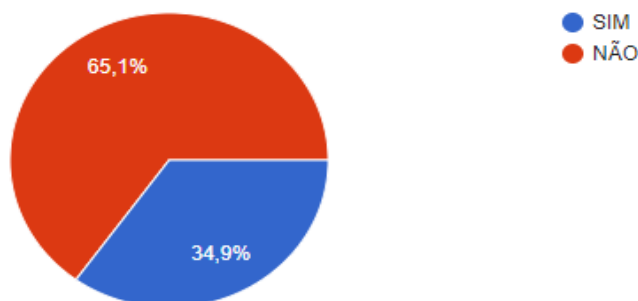
Outra questão levantada foi sobre a percepção que as pessoas possuem sobre as ações do MST, ações essas que se fizeram presentes durante a pandemia de COVID 19 principalmente, mas que além, disso, são ações que sempre ocorreram nos assentamentos do MST e continuam ocorrendo mesmo após a redução dos números da pandemia. São exemplos disso as sacolas de alimentos distribuídas pelos assentamentos e acampamentos do MST, a distribuição de marmitas produzidas com alimentos dos assentados, além da distribuição de cestas básicas também com alimentos agroecológicos. Essas ações contribuem para o combate à fome e para que pessoas em situação de vulnerabilidade tenham acesso a alimentos de qualidade.

A maioria dos participantes, 65,1% respondeu que não tinha conhecimento sobre essas ações praticadas pelo MST. Vale ressaltar que as ações, na maioria das vezes, não são veiculadas nas grandes mídias, o que faz com que a maioria das pessoas ainda não tenha conhecimento sobre elas. Acabam ficando restritas às redes sociais do movimento e dos grupos dos acampamentos e assentamentos. Geralmente quem tem conhecimento sobre isso conhece e acompanha as atividades do movimento ou de outros movimentos sociais. Em entrevista divulgada no site do movimento, uma das dirigentes relembra que, as ações promovidas pelo MST (2020) existem desde seu início e que “Produzir alimentos saudáveis, diversificados, permite que tenhamos garantido a soberania alimentar e possamos realizar ações de solidariedade, fazendo doações para as periferias, favelas e comunidades que necessitam e vivem a pandemia da fome”

Gráfico 14: Ações do MST

**VOCÊ SABIA QUE O MST DISTRIBUIU ALIMENTOS DURANTE A PANDEMIA PARA ATENDER PESSOAS MAIS NECESSITADAS? E QUE AINDA HOJE CONTINUA DISTRIBUINDO SEJA EM AÇÕES COMO SACOLAS DE VERDURAS, CESTAS BÁSICAS COM PRODUTOS DOS ASSENTAMENTOS E MARMITAS?**

83 respostas



Fonte: De autoria própria

Os participantes também responderam sobre a opinião que possuem sobre o MST, na questão “Qual sua opinião sobre o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra? “. As respostas foram divididas em 4 categorias, sendo elas: Favorável; Contrário; Não tenho Opinião e Outros, considerando as respostas que não se encaixavam em nenhuma das outras categorias.

Dentro das respostas contrárias ao MST, aparecem opiniões que os integrantes do movimento são “invasores” e também respostas influenciadas pela maneira como o movimento é retratado pela mídia, como na resposta E34 “Pelo que a mídia nos diz é um movimento que entra em terra que tem dono e se diz dono dali”. Comentário semelhante presente também na resposta E32:

Sou contra a metodologia utilizada por este movimento, que na maioria das vezes é violento e utilizado como ferramenta de apoio político. A reforma agrária deve ser realizada de forma ordenada e legal, invasões não consentidas de terras produtivas ou não desapropriadas deve ser criminalizada.

As ocupações de terra, são formas que o movimento utiliza na luta pela reforma agrária, é através dela que chamam a atenção das autoridades para locais que não estão tendo sua função social, garantida por lei. O MST “É um movimento válido e merece ser respeitado, afinal a terra deve ter utilidade, sendo para moradia ou para plantação” E21.

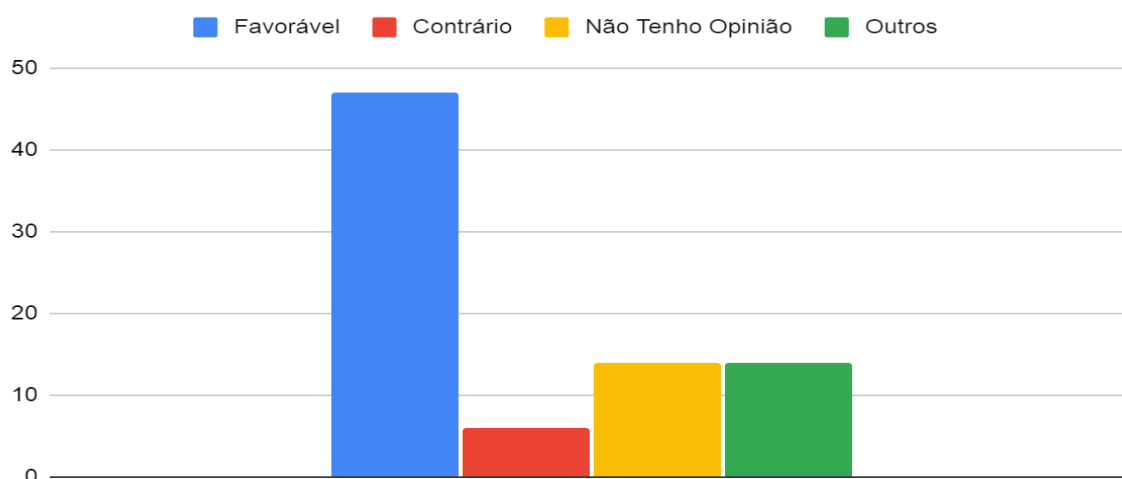
Cabe salientar que é preciso conhecer a luta dos trabalhadores rurais sem terra e compreender o mínimo de sua organização e trabalho. Como na resposta E4 que é favorável ao movimento e cita:

Antigamente possuía muito preconceito visto as coisas que foram disseminadas ao longo do tempo pela televisão, políticos e etc. Hoje tenho uma visão completamente diferente, de toda a contribuição que eles fazem pro pequeno produtor e até mesmo nas ajudas que deram à comunidade na época da pandemia. Acredito que as pessoas deveriam olhar com menos preconceito e tentar entender como é o dia a dia do movimento, quais são seus objetivos e parar de preconceito por cunho político. O movimento é muito grande e importante ao país, deveria ser menos subestimado. E4

As famílias que fazem parte do movimento estão em busca de um pedaço de terra para plantar e contribuir com a sociedade, seja através do seu trabalho ou das ações sociais que o movimento realiza, distribuindo alimentos e ajudando no combate à fome.

Gráfico 15: Opinião dos entrevistados sobre o MST

### QUAL SUA OPINIÃO SOBRE O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA?



Fonte: De autoria própria

Foram questionados também se conhecem o pré-assentamento Emiliano Zapata e qual a opinião sobre a comunidade, visto que se trata de um pré-assentamento já com mais de 10 anos de história e participação efetiva na comunidade, através de sua contribuição na alimentação da população pontagrossense. Dentre as respostas, 63 pessoas alegaram não conhecer o pré-assentamento, a grande maioria dos entrevistados. Isso é um ponto que chama

atenção para a necessidade de valorizar os produtores locais de alimentos, além de conhecer quem está produzindo a comida, colocada no prato.

Dentre as respostas afirmativas, de pessoas que disseram conhecer a comunidade, algumas afirmaram que conhecem das redes sociais, outras que já tiveram contato com os alimentos produzidos no pré-assentamento. Uma resposta chama a atenção para melhor uso que o pré-assentamento deu para as terras e da produção de toneladas de alimentos agroecológicos.

Já para um dos entrevistados “o assentamento nasceu de uma invasão ilegal de uma fazenda da Embrapa, parece ser um pessoal que realmente produz e que está dando certo, mas não concordo com assentamentos que começam de forma irregular sem respeitar o direito do próximo, neste caso foi uma propriedade do governo, mas muitas invasões ocorrem em áreas particulares e produtivas. ”

Ainda atualmente, parte da população brasileira tem uma visão distorcida do MST assim como de outros movimentos sociais e socioterritoriais, movimentos esses que por muito tempo foram retratados pela mídia de maneira equivocada, criando narrativas sobre os movimentos que não condizem com a realidade. Nos últimos anos, porém, as redes sociais têm sido uma ferramenta muito utilizada pelos movimentos, que conseguem mostrar para muitas pessoas as ações realizadas pelos assentamentos e as ações que contribuem para a sociedade, chegando muitas vezes em locais que o poder público não atende.

Quadro 10: Opinião dos entrevistados da comunidade sobre o pré-assentamento

<b>VOCÊ CONHECE O PRÉ-ASSENTAMENTO EMILIANO ZAPATA, LOCALIZADO NO MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA-PR? QUAL SUA OPINIÃO SOBRE O PRÉ-ASSENTAMENTO?</b>
Conheço das redes sociais, pelo que sei faz um trabalho social de grande importância para a região.
Não tive a oportunidade de conhecer, mas já ouvi falar, apenas coisas positivas.
Sim! O assentamento deu um uso melhor para as terras de sua ocupação, vez que inauguraram bosque com diversas árvores plantadas, produzem toneladas de alimentos agroecológicos e conseguiram parar a grilagem de terras públicas que estava ocorrendo no local.
Sim, acho complicado devido à falta de estrutura, saneamento básico entre outros fatores essenciais para moradia digna.
Já ouvi falar, sem opinião definida
Sim, é uma comunidade muito organizada e de grande valia para nossa cidade
Conheço. Acho o trabalho deles incrível.
Conheço os produtos mas nunca visitei. Já comprei algumas vezes em feiras na UEPG.



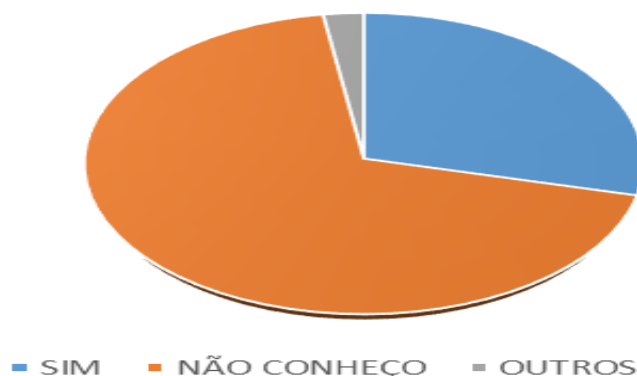
Sim, interessante a própria comunidade cultivar hortaliças, cereais, árvores frutíferas entre outras.
Sei que o assentamento nasceu de uma invasão ilegal de uma fazenda da Embrapa, parece ser um pessoal que realmente produz e que está dando certo, mas não concordo com assentamentos que começam de forma irregular sem respeitar o direito do próximo, neste caso foi uma propriedade do governo, mas muitas invasões ocorrem em áreas particulares e produtivas.
Conheço, já fui fazer uma ação social no dia das crianças. Acho importante que tenham pessoas pensando em comunidade, nos direitos e deveres de todos, e que devam ter mais assentamentos como esse.
Já ouvi falar. É bom, tanto para a população urbana (no fornecimento de alimentos), quanto para o fortalecimento e união de grupos fragilizados pela ausência de políticas públicas que contemplem os agentes produtores fora do círculo do agronegócio.
Eu conheço, comecei a comprar verduras de lá e fui convidada pra conhecer e visitar. Acho que mais famílias que moram lá poderiam ser envolvidas com a agricultura.
Conheço, deveria ser mais valorizado
Já ouvi falar mas nunca fui
Legítimo
Não pessoalmente, mas já comprei os produtos de lá.
Sim conheço o pré assentamento Emiliano Zapata, e torço para que sua luta seja reconhecida e se tornem assentamento pela lei. Como faz muito tempo que fui, não tenho uma opinião atual.
Sim. Muito potencial de crescimento

Fonte: De autoria própria

Por fim, as pessoas foram questionadas sobre o conhecimento acerca do termo soberania alimentar, se já haviam ouvido falar sobre esse termo e qual era o entendimento sobre esse assunto.

Gráfico 16: Relato dos entrevistados da comunidade sobre Soberania alimentar

**E SOBERANIA ALIMENTAR, JÁ OUVIU FALAR? CASO SIM, O QUE VOCÊ ENTENDE POR SOBERANIA ALIMENTAR?**



Fonte: De autoria própria

Através da pesquisa foi possível identificar que o termo Soberania Alimentar ainda não se faz presente para todos. A falta de conhecimento sobre o assunto ficou demonstrado na pesquisa, onde 57 pessoas alegaram não ter conhecimento e somente 24 afirmaram conhecer sobre o assunto. As respostas afirmativas trouxeram dentro delas conceitos sobre o tema, o entrevistado E5 Relatou que “É direito de povos onde organizam as suas próprias políticas, o sistema adotado que garante direito à alimentação de toda a população com base no cultivo próprio”. Concordando com o E5 o E17, lembra da questão da liberdade em definir a produção, distribuição e consumo do alimento.

Discordando dos demais, o E9 alega que “Para mim soberania alimentar é ter acesso aos alimentos, não concordo com a utopia de que bilhões de pessoas ao redor do mundo terão segurança alimentar apenas com alimentos saudáveis sem agrotóxicos. Agricultura familiar é ótima mas precisa estar alinhada com os grandes produtores”.

Nas palavras do participante da pesquisa, seria uma utopia a alimentação sem agrotóxicos, esta resposta reflete o mundo de hoje, dominado pelo agronegócio com suas plantações envenenadas. Porém, a agroecologia é sim uma saída para a construção da soberania alimentar, basta que exista apoio ao seu desenvolvimento e que conforme apresenta Fernandes (2019, p.206):

O modelo hegemônico do agronegócio já está no seu limite, o que abre novas perspectivas para a agricultura camponesa. O século XIX foi marcado pelas lutas de independência e libertação, o século XX assistiu o agronegócio monopolizar a agricultura através da artificialização da comida, no século XXI, as pessoas deverão repensar qual alimento comer. Esta atitude poderá mudar completamente o atual sistema alimentar.

Quadro 11: Relato dos entrevistados da comunidade sobre Soberania alimentar

E SOBERANIA ALIMENTAR, JÁ OUVIU FALAR? CASO SIM, O QUE VOCÊ ENTENDE POR SOBERANIA ALIMENTAR?
Sim Entendo que é uma das formas de erradicar a fome, fornecer mais segurança alimentar e ainda cuidar da agroecologia.
A soberania alimentar envolve ambientalismo e cultura, pois se trata do direito à acessibilidade a alimentos saudáveis e agroecológicos, semo desrespeito a cultura de cada povo.
Acredito que um futuro muito próximo nós precisaremos ainda mais da agricultura familiar
Sim, é o direito de consumo baseado na média e pequena produção de alimentos
Sim, direito de povos escolher como produzir e distribuição dos alimentos da terra
Quando compartilham alimentos para a população.
Direito alimentar a toda população.
Sim, todos termos direito ao cultivo, distribuição e consumo de alimentos com base na pequena e média produção de diferentes modos e culturas.
Para mim soberania alimentar é ter acesso aos alimentos, não concordo com a utopia de que bilhões de pessoas ao redor do mundo terão segurança alimentar apenas com alimentos "saudáveis" sem agrotóxicos. Agricultura familiar é ótima mas precisa estar alinhada com os grandes produtores.
É o direito de que todos os povos de diferentes tribos e raças, de escolherem o que podem produzir. Conforme sua cultura.
Não lembro desse termo, mas imagino que deve ser algo como "todo mundo tem direito a uma alimentação saudável e digna".
Direito de todos puderem se alimentar daquilo que produzem e que todos e todas tenham recursos de uma alimentação de qualidade
Direito de alimentar-se
Autossuficiência dos países e regiões.
É direito de povos onde organizam as suas próprias políticas, o sistema adotado que garante direito a alimentação de toda a população com base no cultivo próprio
Sim, o planejamento, produção e consumo dos produtos de forma sustentação é o futuro para um mundo melhor e pessoas mais saudáveis
Trata-se da liberdade que um Estado e povo tem de definir a produção, distribuição e consumo do alimento, garantindo pleno acesso a produtos alimentícios para toda a população.
Não tinha visto falar, mas achei no Google. Conceitualmente, a Soberania Alimentar é o direito dos povos de escolherem como organizarão a produção e distribuição dos alimentos, numa estreita relação com temas como a democratização do acesso à terra, modelos produtivos sustentáveis (agroecologia) e pequena produção (agricultura familiar).
Tenho conhecimento que é um movimento que destaca a importância da autonomia alimentar dos povos.
Produzir o proprio alimento
Poder comer sem depender de outras fontes externas da sua propia producao
Uma das maneiras de garantir alimento para toda a população.
Soberania alimentar é sistema alimentar. Nesse sistema o próprio povo produz, distribui e consome o alimento produzido.
Direito e qualidade na alimentação

Fonte: De autoria própria

Apesar de ser um tema de extrema importância e necessidade para a sociedade, o fato de a maioria desconhecê-lo chama a atenção para a necessidade de criar ferramentas para que ele seja mais difundido para a população e que de fato as pessoas percebam sua importância e a razão pela qual a soberania alimentar se faz necessária. A conscientização da população contribui não só para o conhecimento do tema, mas também para que mais pessoas apoiem a causa, auxiliando na cobrança dos governos para que se fortaleça, afinal o que está em jogo é o futuro da maneira como o mundo irá se alimentar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo está passando por um momento de repensar seu modelo de agricultura, é preciso se voltar para uma análise do meio ambiente pensando que planeta queremos para o futuro. A Agroecologia, como uma forma de agricultura sustentável e com uma visão social, pode contribuir para o futuro do planeta. O modelo de agricultura comercial, predatória e que não se preocupa com o meio ambiente ao utilizar produtos químicos, que causam inúmeras doenças, está cada vez mais em xeque e isso é percebido nas próprias propagandas financiadas por grandes empresas do Agro, que tentam passar uma imagem de produção mais verde, mas que sabemos estar preocupada somente com o lucro das multinacionais do Agronegócio.

A preocupação com a erradicação da fome e a busca pela alimentação saudável e que toda a população tenha acesso é outro tópico de debate contemporâneo com reflexos no futuro, lutar por um povo soberano na alimentação é lutar contra o modelo do agronegócio e essa luta tem a agroecologia e a reforma agrária como elementos fundamentais visando uma agricultura ecologicamente sustentável e economicamente viável.

O presente trabalho possibilitou compreender como de fato a Agroecologia está relacionada com a Soberania Alimentar e como a produção agroecológica contribui e tem capacidade de contribuir cada vez mais com a Soberania Alimentar, nesse caso analisado a contribuição da agroecologia realizada pelo pré-assentamento Emiliano Zapata e sua contribuição no município de Ponta Grossa-PR.

Através da análise dos questionários e das visitas no pré-assentamento, foi possível verificar que a forma de agricultura escolhida pelo MST e implantada em seus assentamentos está contribuindo para a Soberania Alimentar do município, mesmo que ainda de maneira não tão expressiva, mas que com investimento e com apoio os agricultores podem auxiliar cada vez mais.

É necessário que se invistam em políticas públicas para o desenvolvimento da agroecologia e capacitação técnica para seu desenvolvimento, somado a isso, linhas de crédito e apoio governamental com compras e formação de estoque de alimentos. Necessário também o investimento em pesquisa e ensino de modo a propiciar respostas técnicas para as demandas produtivas e também pesquisa de equipamentos que possam ser utilizados para facilitar a prática agrícola.

A reforma agrária e a agroecologia são pilares que sustentam a luta pela soberania alimentar. Esses três elementos são imprescindíveis para a sobrevivência dos povos, sobretudo nas cidades. Para que o país possa almejar um futuro se faz urgente uma mudança na distribuição de terras, e no desenvolvimento da agroecologia como modo de agricultura que pode superar mazelas sociais da atualidade como a fome, a falta de emprego e a desigualdade.

O direito ao território para o desenvolvimento da produção agroecológica é fundamental, pois, sem reforma agrária eficiente os agricultores familiares, sejam eles assentados ou não, perdem espaço para o modelo latifundiário do agronegócio. A democratização da terra é o caminho para a reformulação dos sistemas alimentares e a inclusão dos princípios da Agroecologia contribuem para que isso ocorra de maneira estruturada com a preservação do meio ambiente.

Foi possível identificar durante o desenvolvimento do trabalho, que a produção agroecológica desenvolvida pelos agricultores pesquisados é bastante diversificada e visa suprir a demanda por alimentos saudáveis, sejam eles para sustento ou para comercialização. Outro ponto destacado no trabalho é o papel da cooperativa dos agricultores na comercialização e distribuição dos alimentos, é através da junção em cooperativas que os produtores ganham força para participar de licitações para comercializar um volume significativo de sua produção, visto que muitos agricultores familiares muitas vezes não conseguem participar sozinhos.

A produção de alimentos agroecológicos do pré-assentamento, além de servir primeiramente para a subsistência, contribui também para a alimentação escolar do município e, conforme identificado durante a pesquisa, pode contribuir ainda mais pelo fato de que o pré-assentamento possui condições de ampliar a sua produção, e com o devido apoio ampliar seu atendimento da merenda escolar e outros programas governamentais.

O PNAE contribui para a soberania alimentar, pois alimenta milhões de alunos, a participação dos agricultores do Emiliano Zapata nesse programa faz com que milhares de crianças e jovens tenham acesso à comida de verdade no município de Ponta Grossa, comida diversificada, sem utilização de agrotóxicos e produzida de maneira agroecológica. Além disso, trata-se de uma produção que gera empregos no município.

Fica evidente também que se deve buscar ferramentas para que os conceitos de agroecologia e soberania alimentar possam se difundir cada vez mais, o fato que

muitas pessoas ainda desconhecem esses termos foi apontado no desenvolvimento do trabalho e mostra a necessidade de um maior diálogo com a sociedade. A busca pela alimentação saudável e a crescente preocupação ambiental e social na sociedade devem servir de ponto de partida para a expansão da conscientização acerca desses conceitos.

Por fim, o presente trabalho abre possibilidade para futuras pesquisas sobre essa temática, principalmente mais aprofundadas com relação à contribuição da Agroecologia para a Soberania Alimentar no município, abrangendo não somente a comunidade abordada nessa pesquisa, mas também demais produtores agroecológicos. Além disso, a expansão da pesquisa para outros municípios da região, pode fazer com que se tenha uma análise de um contexto maior, ampliando os horizontes do tema e trazendo esse assunto para o debate, contribuindo assim com seu desenvolvimento.

## REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel A.; NICHOLLS, Clara Inés. **La Agroecología en tiempos del COVID-19**. CELIA. Berkeley: Universidade de California, 2020.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4. ed. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2004.

\_\_\_\_\_. Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar. **Revista Nera**, Presidente Prudente, v. 16, p. 22-32, 2010.

BENINCA, Dirceu; BONATTI, Leticia Campos. AGROECOLOGIA: uma opção de sustentabilidade. **Revista Brasileira de Agroecologia**, [S.L.], v. 15, n. 5, p. 191-203, 2020. Associação Brasileira De Agroecologia.

BORSATTO, Ricardo Serra; CARMO, Maristela Simões do. A construção do discurso agroecológico no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, [S.L.], v. 51, n. 4, p. 645-660, dez. 2013.

CDALGALLO. **Sítio Pema**: Alimento orgânico ou agroecológico? Entenda a diferença. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.sitiopema.com.br/diferenca-alimento-organico-agroecologico/#:~:text=Se%20por%20um%20lado%20a,de%20cada%20solo%20e%20bioma>. Acesso em: 01, abril de 2022.

COCA, Estevan Leopoldo de Freitas; VINHA, Janaina Francisca de Souza Campos; CLEPS JUNIOR, João. Movimentos socioterritoriais, agroecologia e soberania alimentar em Minas Gerais: lutas, resistências e desafios do campesinato. **Revista Campo-Território**, [S.L.], v. 16, n. 42, p. 117-144, 28 out. 2021. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia.

COSTA, Joaquim Gonçalves da. **Soberania alimentar: dimensões material, prático-político e utópica**. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2021. 766 p.

DE CAMARGO BOSQUILIA, Samira Gaiad Cibim; PIPITONE, Maria Angélica Penatti. A Soberania Alimentar e o Programa Nacional de Alimentação Escolar no município de Piracicaba (SP)—concepções e redefinições. **Segurança Alimentar e Nutricional**, v. 23, n. 2, p. 973-983, 2016.

DE MOURA, Iracema Ferreira; DE SOUZA, Cláudia; CANAVESI, Flaviane. Agroecologia nas políticas públicas e promoção da segurança alimentar e nutricional. **Segurança Alimentar e Nutricional**, v. 23, p. 1019-1030, 2016.

**Declaração de Roma Sobre a Segurança Alimentar Mundial e Plano de Ação da Cimeira Mundial da Alimentação**. 1996. Disponível em: <https://www.fao.org/3/w3613p/w3613p00.htm#:~:text=A%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20de%20Roma%20sobre,%2C%20nacional%2C%20regional%20e%20mundial>. Acesso em: 26 out. 2022.

DECLARACION DE TLAXCALA DE LA VIA CAMPESINA-  
<https://viacampesina.org/es/ii-conferencia-internacional-de-la-via-campesina-tlaxcala-mexique-18-al-21-abril-1996/> acesso em 25/10/2022

**Declaración universal sobre la erradicación del hambre y la malnutrición.**  
 Disponível em <https://www.ohchr.org/es/instruments-mechanisms/instruments/universal-declaration-eradication-hunger-and-malnutrition>.  
 Acesso em 21/12/2022

ENGELMANN, Sandra Andrea; CUNHA, Luiz Alexandre Gonçalves. Breves notas envolvendo a Agroecologia. **Universidade Estadual de Ponta Grossa**, [S.L].

\_\_\_\_\_. **A organização do território a partir do paradigma da agroecologia no acampamento Emiliano Zapata - Ponta Grossa- PR/** Sandra Andrea Engelman. Ponta Grossa, 2011

Estatuto da Associação Brasileira de Agroecologia-ABA: Disponível em:  
<Http://www.aba-agroecologia.org.br> . Acesso em 31 mar 2022.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. Regimes Alimentares, Impérios Alimentares, Soberanias Alimentares e Movimentos Alimentares. **Revista Latino Americana de Estudios Rurales**, [s. /], p. 188-209, 2019.

\_\_\_\_\_. Disputas paradigmáticas e territoriais: leituras dos modelos agrários de desenvolvimento. In:ROSAS, Celbo Antonio R Fonseca (org.). **Perspectivas da geografia agrária no Paraná: abordagens e enfoques metodológicos**. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015. 144 p.

\_\_\_\_\_, Bernardo Mançano. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **Revista Nera**, Presidente Prudente, n. 6, p. 24-34, Jan/jun. 2005.

\_\_\_\_\_, **Questão Agrária, Pesquisa e MST**. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **Geographia**, [S.L.], v. 9, n. 17, p. 19-46, 8 fev. 2010. Pro Reitoria de Pesquisa, Pós Graduação e Inovação - UFF.

HOYOS, Laudia Janet Cataño; AGOSTINI, Adriana D'. Segurança e Soberania Alimentar: convergências e divergências. **Revista Nera**, Presidente Prudente, n. 35, p. 174-198, Jan-Abr.2017.



<https://jornadadeagroecologia.org.br/2022/06/26/carta-da-19a-jornada-de-agroecologia/> Acesso em 15 de out. de 2022

LAZZARI, Francini Meneghini; SOUZA, Andressa Silva. Revolução Verde: Impactos sobre os conhecimentos tradicionais. In: Congresso internacional de Direito e contemporaneidade, 4, 2017. **Anais do 4º Congresso Internacional De Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede**. Santa Maria: UFSM- Universidade Federal de Santa Maria, 2017. P. 1-16.

Manifesto da 5ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional à Sociedade Brasileira sobre Comida de Verdade no Campo e na Cidade, por Direitos e Soberania Alimentar 2015. Disponível em:

[https://www.abrasco.org.br/site/wp-content/uploads/2017/06/copy2\\_of\\_Manifesto\\_comidadeverdade.pdf](https://www.abrasco.org.br/site/wp-content/uploads/2017/06/copy2_of_Manifesto_comidadeverdade.pdf) Acesso em 17/08/2022 19:40

MARTIN, Jean-Yves; FERNANDES, Bernardo Mançano. Movimento socioterritorial e “globalização”: algumas reflexões a partir do caso do MST. **Lutas Sociais**, n. 11/12, p. 173-185, 2004.

MST. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Ações de solidariedade Sem Terra se espalham pelo país durante a pandemia**. MST, 16 de abril de 2020. Disponível em <https://mst.org.br/2020/04/16/acoes-de-solidariedade-sem-terra-sem-espalham-pelo-pais-durante-pandemia/> Acesso em: 30 jan. 2023

PRIMAVESI, A. **Agroecologia: ecosfera, tecnosfera e agricultura**. São Paulo: Nobel, 1997. 199p., il., tab., fotos. Bibliografia.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e Concepções de Território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. 200 p.

\_\_\_\_\_. Proposições para estudos territoriais. **Geografia**, Francisco Beltrão, v. 15, p. 71-85, 2006.

SILVA, Maria Zênia Tavares da. A segurança e a soberania alimentares: conceitos e possibilidades de combate à fome no Brasil. **Configurações. Revista Ciências Sociais**, n. 25, p. 97-111, 2020.

SOUZA, Alessandra Silva de. Um debate acerca da soberania alimentar e da agroecologia: percepção e de prática. ou, de qual lado é o meu quintal?. **Revista Pegada**, [s. l], v. 10, n. 1, p. 113-133, jun. 2009.

STEDILE, J.P; CARVALHO, H. M de - Soberania alimentar. In: **Dicionário da educação do Campo**, Caldart, R et al (orgs.). Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.

## APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO APLICADO AOS AGRICULTORES DO PRÉ-ASSENTAMENTO EMILIANO ZAPATA

**Público alvo:** Agricultores agroecológicos do Pré-assentamento Emiliano Zapata.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Luis Fernando Supanik Junior, graduando do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa, estou desenvolvendo a pesquisa intitulada "A CONTRIBUIÇÃO DA AGROECOLOGIA PRODUZIDA NO PRÉ-ASSENTAMENTO EMILIANO ZAPATA PARA A SOBERANIA ALIMENTAR NO MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA - PR" sob orientação do Professor Celbo Antonio Rosas e que tem por objetivo compreender como se dá a distribuição da produção dos alimentos agroecológicos e como essa produção contribui para a soberania alimentar no município.

Você está sendo convidado (a) a participar da referida pesquisa de conclusão do curso de Licenciatura em Geografia como voluntário. Não haverá identificação dos participantes e seus dados serão mantidos em sigilo.

Após a conclusão do trabalho você será informado sobre os resultados desta pesquisa se assim desejar. Em caso de dúvidas, você poderá entrar em contato a qualquer momento.

Comprometo-me enquanto pesquisador responsável em utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível sua identificação.

Idade:

( ) 18

à 24 anos ( ) 25 à 34 anos ( ) 35 à 44 anos ( ) 45 à 54 anos

( ) 55 à 64 anos ( ) 65 anos ou mais

Gênero:

Há quanto tempo trabalha como agricultor (a) agroecológico?

( ) menos de 1 ano

( ) de 1 à 5 anos

( ) de 6 à 10

mais de 10 anos

Qual sua renda proveniente da produção agroecológica?

menos de 1 salário

de 1 à 3 salários

Acima de 3 salários

Como você define a Agroecologia?

Quais alimentos são produzidos na sua propriedade de maneira agroecológica?

Como esses alimentos são comercializados e distribuídos?

Qual percentual você consome de sua produção?

menos de 20%

21% à 50%

mais de 50 %

Produz somente para consumo próprio

Existe resistência à agroecologia no assentamento? Por que?

Por que você acha que várias pessoas não utilizam a agroecologia para sua produção?

Como é a recepção dos consumidores em relação aos seus produtos?

Já produziu usando agrotóxicos?

Sim

Não

Você decide sobre o que produzir e o que comercializar? Existe alguém que influencia esses fatores?

Quais as maiores dificuldades que enfrenta em relação a produção/comercialização?

Qual é o destino dos alimentos produzidos no pré-assentamento?

Autoconsumo

Outros Assentamentos

Comércio porta a porta

Cooperativa

( ) Feiras

E Soberania Alimentar, já ouviu falar? Caso sim, o que você entende por Soberania alimentar?

Você considera que a Agroecologia produzida no pré-assentamento pode contribuir para a Soberania Alimentar no município de Ponta Grossa? Por qual motivo?

Como o MST contribui para o desenvolvimento da Agroecologia e da Soberania Alimentar ?

## APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO APLICADO A COMUNIDADE

Este questionário faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso para o Curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. O objetivo é analisar a percepção que a comunidade tem sobre a agricultura produzida pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), representados em Ponta Grossa pelo Pré-assentamento Emiliano Zapata.

A participação neste questionário é voluntária e auxiliará no desenvolvimento do trabalho. Não serão divulgados os nomes e nem contatos dos participantes.

Ao enviar o formulário você concorda com a divulgação das respostas.

Idade:

Gênero:

Residência:

Área Rural  Área Urbana

Você costuma se alimentar de frutas e verduras?

Sim  Não

Onde costuma comprar esse tipo de alimento?

Feiras  Supermercados  Direto do Produtor  Outros

Na sua opinião, quais as vantagens de consumir produtos saudáveis, principalmente sem a utilização de venenos na sua produção?

Na sua opinião, comprar alimentos que são produzidos próximo à sua residência interfere no preço de venda do produto? Por qual motivo?

Você sabia que o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra é produtor de alimentos agroecológicos (sem a utilização de veneno)?

Sim  Não

Possui filho em idade escolar que frequenta a escola pública?

Sim  Não

Você sabia que parte dos alimentos que são servidos na merenda escolar nas escolas públicas vem da agricultura familiar? E que parte dessa produção é feita em assentamentos e acampamentos do MST?

Sim  Não

Você sabia que o MST distribuiu alimentos durante a pandemia para atender pessoas mais necessitadas? e que ainda hoje continua distribuindo, seja em ações como sacola de verduras, cestas básicas com produtos dos assentamentos e marmitas?

Sim  Não

Qual sua opinião sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra?

Você conhece o pré-assentamento Emiliano Zapata, localizado no município de Ponta Grossa-PR? Qual sua opinião sobre o pré-assentamento?

E Soberania Alimentar, já ouviu falar? Caso sim, o que você entende por Soberania Alimentar?